

EDITORES: BENJAMIM COSTA LLAZAR & MICCOLIS - RIO

O DIVINO INFERNO



RODOLPHO MACHADO

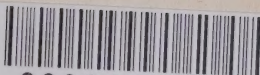
LEIAM :

*Almas em
Desordem*

por

Crysanthème

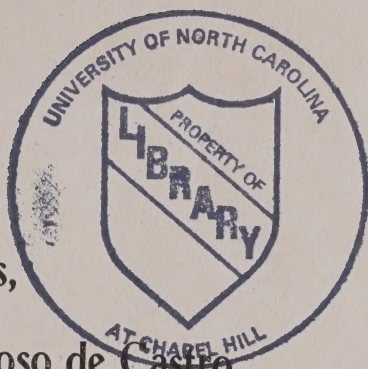
FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A
Benjamim Costallat & Miccolis
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO



00004453031

C
PBH

P29697
.M177
D5
1924



A Alexandre Dias,

Annibal Cardoso de Castro,

Pereira da Silva e Sylvio e Silva

— os grandes amigos que procuraram
suavizar a agonia do poeta — ofereço.

GILKA

BENJAMIM-COSTALLAT &
★ MICCOLIS ★
EDITORES



BENJAMIM COSTALLAT & MICCOLIS — editores

Têm á venda:

MLLE. CINEMA — (3ª edição); illustrada por Tarquinio (15º ao 25º milheiro), de Benjamin Costallat.

A SINISTRA AVENTURA (reminiscencias das prisões inglezas), por José do Patrocinio Filho. — Romance tragico e sensacional vivido pelo seu proprio autor, accusado durante a guerra pelos inglezes como espião do Kaiser.

A INTRIGA ENTRE O BRASIL E A ARGENTINA, por Carlos Maul.

MUNDO, DIABO E CARNE, por José do Patrocinio Filho.

ALMA SERTANEJA (contos tragicos e sentimentaes do sertão) de Gustavo Barroso (da Academia Brasileira.

A CIDADE MULHER, de Alvaro Moreyra. — Um fino livro de arte.

BAN-BAN-BANI, de Orestes Barbosa. — Ininteressantissimo flagrante dos costumes do "bas-fond" carioca. — Livro de escandalo.

FEIRA LIVRE... de Mendes Fradique. — O maior successo dos livros humoristicos.

MODERNOS... de Benjamin Costallat. — Edição de luxo toda illustrada por Di Cavalcanti. — (Decimo dilheiro).

ANNITA E PLOMARK, AVENTUREIROS, por
Théo Filho e Robert Bédarieux. —
Sensacional romance cosmopolita de
aventuras emocionantes.

MULHERES DO PROXIMO, de Mario Hora.

OS DEVISSOS, de Romeu de Avellar.

OS NOSSOS GRANDES EM GEROULAS!, de Ri-
cardo Pinto.

GEOGRAPHIA POLITICA DE SÃO PAULO E
MINAS GERAES, de Assis Cintra.

LUVAS E PUNHAES, de Gastão Penalva.

A CIDADE DO VICIO E DA GRAÇA, por Ribeiro
Couto.

QUINZE DIAS NAS PRISÕES DO ESTADO...,
por Gerson de Macedo Soares.

A MEDICINA PARA TODOS, do eminente e po-
pularissimo clinico Nicoláu Ciancio.

POLITICA EM TORNO DE UMA CADEIRA...,
por Mario Guastini.

ALMAS EM DESORDEM, por Crysanthéme.

O DIVINO INFERNO, de Rodolpho Machado (pre-
facio de Gilka Machado).

EM PACOTE REGISTRADO, 6\$ CADA UM

OS MESMOS EDITORES

Têm no prélo:

ADÃO, de Lucilio Varejão.

A LINGUA FRANCEZA, pelo methodo Goetz. —
Em 100 lições, segundo o programma
da Escola Normal do Rio de Janeiro.

JORNAL DE SHERLOCK HOLMES, um livro em-
polgantissimo da vida real, através de
personagens do crime, por Mario José
de Almeida, diplomado em policia
scientifica.

FITAS... por Benjamim Costallat.

BA-TA-CLAN!, chronicas mundanas em versos,
por Olegario Marianno. — Illustrações
de J. Carlos. — Capa de Luiz.

**MEUS PECCADOS; ELLA E EU; O HOMEM QUE
PASSA**, de José do Patrocinio Filho.

OS MARIDAS (O marido de Melle. Cinema) —
Benjamim Costallat.

HOMENS E MULHERES, de Gilka Machado.

DIVINO INFERNO

RODOLPHO MACHADO

Divino Inferno



BENJAMIM COSTALLAT & MICCOLIS
Editores
Avenida Rio Branco, 127 — RIO
— 1924 —

RODOLPHO MACHADO

e o seu

“DIVINO INFERNO”

Ao assumir com tristeza a direcção de esplendida officina, subitamente abandonada pelo seu antigo e prodigioso artifice, ao observar quanto de formoso produziu elle, quanto poderia produzir ainda, quanto levou comsigo, inutilmente, nas nimas inexgottaveis da sua imaginação, cheia do mais doloroso e transbordante dos enthusiasmos, vem-me a necessidade de falar, para o mundo, desse finado Alguem.

Treze annos trabalhámos juntos, egoisticamente sósinhos, orgulhosamente sósinhos, como si não existissemos um para o outro, na avareza dos nossos thesouros inuteis, na ancia ridicula da Gloria.

E, quantas vezes, quantas, pela miseria dos nossos dias, após algumas horas de trabalho solitario, caminhavamos um para o outro, rindo do ouro do mundo, com as mãos cheias de sonho!...

Fôra necessario trabalharmos assim, egois-

ticamente, isoladamente, para victoria do Eu, em prol da Belleza Eterna.

Tal independencia, porém, não poude impedir que os maledicentes tentassem promiscuir com influencias e collaborações reciprocas nos-sas personalidades.

Quando eu o conheci — feio, pequeno, magro — uma sensação estranha me veio logo de toda sua figura exquisita, sensação que os meus treze annos de menina-moça não podiam definir fosse de attracção ou repulsa. Defini, contudo, que acabára de travar conhecimento com um ser anormal, inteiramente diverso de quantos, até então, me haviam passado pelos olhos.

— “Venho attrahido por uma força astral, pelos seus versos electrizantes, que não parecem de mulher, e, muito menos, de menina!” Referia-se, assim o poeta, a dois trabalhos inclusos no meu “Crystaes partidos” — “Falando á Lua” e “Rosas” — que tivera occasião de ouvir declamar numa festa intima; e suas palavras de lisonja, que me deveriam ser agradaveis, desagradaram-me por completo. Duvidei-lhes da sinceridade: aquelle homem, que vinha de meios jornalisticos, que privava com poetas, mais me parecia um aventureiro amoroso que um admirador intellectual. Havia momentos em que o detestava até, considerando-o um profanador da minha poesia simples e sincera, da minha mocidade misera e orgulhosa. Fugia-lhe, então: e rasgava os meus versos para que elle os não lêsse e trancava-me na minha alcova para que elle me não olhasse.

Com o decorrer dos dias e, a sua persisten-

te frequencia á nossa casa, pude, então, observar-o: maravilhosa transfiguração! Aquelle homem personificava o Bello-Horrivel, era uma tragedia viva.

De um nervosismo doentio, á primeira analyse, parecia um comediante, um exagerado, tal a gesticulação em que lhe entravam, a um tempo, em jogo cabeça, tronco e membros, destacando-se-lhe do conjuncto exotico do physico a belleza característica dos cabellos crespos, revoltos, que me pareciam, ás vezes, a continuidade dos seus pensamentos, cabellos de um trevor como que illuminado pelas projecções do seu espirito e os olhos grandes, inquietos, mobilissimos e brunos como passaros noctivagos.

Num paiz em que os juizos literarios estão, quasi sempre, na razão directa dos recursos pecuniarios dos autores, em que é assaz conhecida a "associação dos elogios mutuos", muito, irrisorios e suspeitos deverão ser os adjectivos traçados pela minha penna, relativamente a um poeta que foi meu marido.

Não é, porém, a affeição pelo morto que me impelle a escrever estas linhas, mas sim a admiração pelo collega que conheci mais que todos e mais que todos tenho portanto o dever de lhe exaltar o talento.

Da verdade das minhas palavras digam, aos olhos dos que sabem sentir, os rythmos destes versos:

"Nestas, de inverno, noites tão frias,
quasi não pulsa teu coração...
De mim distante, como estarias?"

— Toda 'de gelo tu ficarias,
qual uma estatua na solidão.

**Corre, assovia, atravessa o Vento,
retorce o arbusto, remexe a rama...
Até parece que um pensamento
elle nos traga, 'de quem nos ama.**

Teus finos dedos, inteiriçados,
são dez agulhas de alvo marfim;
frios e brancos, dedos 'gelados,
que o azul carinho dos teus cuidados
tanto teceram 'por sobre mim!

**Da noite escura no largo espaço,
que linda brilha longinqua estrella!...
Aperta os olhos, faze o 'que faço,
aperta os olhos, si queres vel-a...**

Sob essa cassa do teu vestido
(não te enrubeças ao meu dizer)
teus frios seios, num só tremido,
quaes duas rôlas dentre o tecido,
em vão procuram adormecer...

**Jesus, que 'frio! Mas, na Inglaterra,
dizem que o frio tem fino gume,
pois, sempre o filho daquella terra
chegando o 'inverno, procura o lume.**

Teu roseo beijo como se some!
— Alba, teu beijo não tem sabor.
O frio 'inverno tudo consome...
Job eu me chamo: mudei de nome...
guardo a esmola do teu amor...

**Em todo caso somos felizes;
que importa o frio, si estamos juntos?...
Penso, á delicia do que me dizes,
nos que, sósinhos, ficam defuntos.**

Como a serpente foste nervosa,
tinhas o fogo na luz do olhar;
mas, hoje, apenas, assim, medrosa,
tens da serpente mais preguiçosa
a pelle fria, de arrepiar...

**Morrer distante do amado peito
é morte dupla, ninguem resiste...
Morrer, sósinho, num frio leito,
morrer sósinho... que morte triste!...**

A confidencia que me revelas
sôa tão debil que lembra um ai;
e todas, todas são amarellas
tuas palavras: iguaes áquellas
folhas que o vento levando vae...

**Alguem, lá fóra, geme, á nortada;
de ir em soccorro tenho vontade:
mas, si tu ficas abandonada,
como fazer essa caridade?!...**

Qual uma branca, marmorea bola,
Lua tão linda vae a subir!...
e no ar dormente se desenrola
frio tecido que nos consola,
e uma caricia nos faz sentir.

**O luar nos molha... fecha a janella.
Ha um frio estranho na luz da Lua.**

**Fez-se mais alva, fez-se mais bella,
de luar lavada, a deserta rua.**

Na larga colcha da nossa cama,
de grandes flores de gyrasol,
a luz da Lua, que se derrama
em fina, fria, fluidica trama,
põe sobre a colcha branco lençol.

**Ao vir da Lua, mais frio agora
vejo que sentes... eu tambem sinto...
Porque não dizes, aqui, nesta hora,
que me consentes... — “Oh! si consinto!”**

Nestas, de inverno, noites tão frias,
quasi não pulsa teu coração...
De mim distante, como estarias?
— Toda de gelo tu ficarias,
qual uma estatua, na solidão.”

Não é este, porém, o genero predominante na poesia de Rodolpho Machado; mais pensamento que sentimento, seu pendor para violencias, para tragedias, acha-se bem manifesto em sua obra literaria, principalmente na prosa, em que todas as suas paginas gravam entrecchos empolgantes.

“Longe da civilização” — livro que a vida lhe não permittiu terminar — mesmo, assim, incompleto, enfolha tragedias inéditas, em que a nossa natureza apparece descripta com verdadeira eloquencia, em toda a sua belleza rude.

“Divino Inferno” deixa, logo entrever, pela expressão paradoxal do titulo, quanto encerra da

delicia torturante da arte, do claro-escuro do amôr, do contradictorio da existencia.

Impossivel seria definir quando o poeta conversava ou declamava: suas palestras eram cheias de symbolos, de interjeições, de superlativos, como suas produções poeticas.

Sendo um apaixonado pela forma, um insaciavel de belleza, vivia modificando, apurando os trabalhos; e são innumerous aquelles que inutilizou, depois de dados á publicidade, em revistas e jornaes. Vibrava a cada instante, falava muito, escrevia pouco e quasi nada aproveitava do que escrevia, tendo sempre em perspectiva a elaboração de uma grande obra.

A paixão pela forma não conseguiu esfriar o fôgo dessa alma rara: longe de ser um parnasiano, embora nas paginas deste livro figurem trabalhos como "Ballada do Arôma", "Ar livre", "Resurreição do Dia" e outros, que podem figurar, pela perfeição, junto aos dos mais notaveis cinzeladores da poesia, Rodolpho Machado se fez um poeta symbolista, de subjectivismo profundo e alto sentimentalismo.

Como quasi todos os grandes homens, era de natureza extravagante, morbida, atrabiliaria, de uma irascibilidade que nos infelicitou a ambos. Poeta, porém, depois de Castro Alves e Olavo Bilac, não sei de outro que o ultrapasse na radiação dos pensamentos, na justeza das expressões, na musica dos rythmos, na eurythmia das estrophes.

Para documentar o meu juizo, é bastante que escolha, dentre o profuso destas pedrarias,

este punhado de gemmas que compõem o seu
"Plenilunio".

Fria e nevoenta luz clareia o espaço mudo.
Paira o silencio abrindo as azas dormideiras.
O ar ambiente contém maciezas de velludo.
Lembra a terra um convento; as arvores são freiras,
rezando na mudez magnetica desta hora.
Descerra o olhar a estrella e cada estrella espera
pelo estranho fulgor de uma nocturna aurora.
Ergue-se a pouco e pouco a algida e branca esphera,
entra do arqueado céo na larga immensidade
— aeronave do Sonho em rumo da saudade.

Rolam rendas de luar sobre a Noite dormente...
e, tal dentro de um templo as espiraes de incenso,
do lirio, ora tornado em thuribulo albente,
sobe o perfume e paira, ondulando, suspenso...
O éco da voz de Deus desce através da brisa,
e, sob o pallio azul, por toda a natureza,
em tremula surdina, entre as cousas, deslisa...
O Oceano acorda e reza a oração da tristeza...
e a Lua sobe mais... cessa do vento o açoite...
— morta rainha sobre a eça negra da noite!

Da etherea Babylonia, erguido e curvo, no alto,
é todo o firmamento um jardim luminoso.
Aureas constellações, ó gemma astral que exalto,
para o extase do olhar parado do meu Gôso!
Estrellas immortaes — embalsamadas flores:
Sirius, Aldebaram, Arcturos, Venus linda,
os petalos abrindo em rutilos fulgores
— chrysanthemos de luz da primavera infinda!
e, entre todas, a Lua, então, que no ar fulgura,
é a camelia glacial desse jardim da Altura.

Plenilunio! Entre neve erra agora meu Sonho,
na apotheose da Luz erguida no infinito!
O' vertigem do Branco! ó fantasma tristonho
do primitivo Dia! ó mãe de todo o afflicto!
ó idéa da Tristeza! ó fluidica cascata
que vens molhar á noite a epiderme da Terra!
mysterioso lamento em lagrimas de prata!!!
Lua — morta illusão que a urna do céo encerra!
pharol do meu inferno!
arca cheia de luz nesse diluvio eterno!

Dorme dentro da treva o espirito da Vida:
inda o beijo da luz no rochedo perdura
inda paira o queimor na floresta dormida;
sobe um vapor do mar contido na agua escura...
E' o derradeiro gráo da febré intensa e rubra
que o sêr fecunda, inflamma, enrobustee e anima;
pois, de longe, afinal, sem que a Noite o descubra,
o alchimista do espaço os olhos deita em cima
da Lua, e a Lua, então, mais se illumina e eleva:
lente em que o Sol observa a gestação da Treva,

Entre seismas, recordo o tempo primitivo;
cultos, adorações, velha crença dos povos,
fé que estimula o sonho e faz o homem captivo,
abrindo a rosa ideal dos pensamentos novos.
Vejo, através desse astro, a procissão dos annos
levando o antigo andor das concepções antigas;
escuto a tradição dos seculos profanos,
sinto a magia, o krátu, evocações, cantigas,
bruxas, fadas da luz, tudo é resuscitado...
— marmore do sepulchro onde jaz o Passado

De cada sêr se eleva o olhar ao globo frio
que no alto resplandece: e as almas, extasiadas,

vão ouvindo, num vago e estranho murmúrio,
a voz da luz falando em cousas ignoradas...
E, enquanto, em longo pasmo, os olhos são volvidos
á abstracta Biblia azul escripta em letras de ouro,
da noite a sombra vae absorvendo os ruidos
esquecida ao pallor do célico thesouro
— frio, nocturno sol de gelatineo rastro
— alma de Deus, talvez, transformada num astro!

Bizarra sensação vibra em toda minha alma!
Lua — espelho da Magua! opala immensa e bella!
bussola da Illusão! chronometro da Calma!
aguia morta por sob a constellada umbella!
Do ether na fria chuva o luar meu corpo banha
e tropego e absorto entre arrepios ando...
olho tudo em redor sob brancura estranha,
numa allucinação phantastica pairando...
fonto de luz, arranco
hystericas visões de um pesadello branco!...

Ha uma festa no céo, um baile estranho... os anjos
passam por entre incenso e nuvens vaporosas,
tangendo, em ronda aerea, harpas, lyras e banjos,
coroados de jasmins, de magnolias, de rosas...
E a musica, macia e etherea, ondula e desce
pelas pautas do luar, na celica amplitude,
e mais a paz nocturna em toda a terra cresce,
minha audição de poeta em sonho mais se illude...
Em meio a este silencio em que ha tanta harmonia,
a Lua é a serenata invisida da Poesia...

— Noctambula do Ideal — minha alma se transporta
ao Sahara em que pompea essa esphinge sublime!
Lua — dôr em silencio! ó dôr calada, morta!
memoria para o Amor, remorso para o Crime!

Horas que as tenha ou sempre e que possa perdê-las,
noctívago, movendo á serenada o passo,
enquanto brilha em cima o cravo das estrellas,
que prende o toldo azul do Colyseu do Espaço...
Luar — tunica de luz que o céo nocturno veste!
Lua — medalha astral da exposição celeste!

A insaciabilidade artistica e as preocupações materiaes da vida fizeram com que, morrendo aos trinta e nove annos, não chegasse a realizar o poeta a obra que lhe vivia na imaginação. Era um orgulhoso do proprio merito, um consciente da futura gloria, burilando sempre os versos, na ancia de apresentar ao publico um livro definitivo de perfeição. Dentre as produções que figuram nesta obra, algumas inclui que o autor havia repudiado, por julgal-as capazes de consagrar um poeta. São ellas: "Lyrismo", "Papoula", "Canção de inverno", "Tristeza do Relógio", "O Homem", "A voz da Natureza", "Morta", "Por amor de uma estrella", "Tristeza dos bois" e "Hymno ás arvores".

Apesar de estarem estas paginas cheias de visões de morte, o poeta amava apaixonadamente a vida.

Não sei a qual de nós coube melhor destino: a elle que, neste momento atravessa o Desconhecido, arrebatado em pleno sonho ou a mim, que me fiquei, com uma já velha desillusão, na tristissima tarefa de invocar o Sonho ainda, para dispôr as pedrarias que me ficaram neste "Divino Inferno", como o mais pungitivo e precioso dos legados!...

GILKA.

Amôr

Amôr é a febre da alma em toda a natureza;
tudo que os labios meus sentem nos teus, unidos;
— loucura emocional de todos os sentidos,
— Fascinação da Forma, attracção da Belleza.

E' a surpresa num grito e o pasmo na surpresa;
a saudade immortal nos olhos dos vencidos;
o eterno ideal que encerra os bens desconhecidos;
o riso da Alegria e o pranto da Tristeza.

Homem, arvore, pedra — os seres, finalmente,
esse fluido vital, percorrendo, electriza,
despertando a materia e a alma tornando ardente.

Amôr (não crêde a morte o acabe sob as louzas) ...
é a nevrose que anima e que sensibiliza
a Vida, para a vida, entre todas as couzas.

Spleen

A Vida é que nos vive e, assim, nos gasta
quando a sonhamos sem poder gosá-la,
quando a sentimos sem jámais tocal-a,
quando a queremos e ella nos afasta...

Para viver-se a Vida não só basta
tel-a no olhar, no coração, na fala...
Vivel-a é bem sentil-a em tudo e amal-a,
amal-a como mãe e não madrasta.

Não sendo assim é ella que nos vive,
até que um dia farta e já cançada
nos despreza, sem forças, num declive...

E inuteis; sob a treva deleteria,
sem ter vivido, entramos para o Nada,
com a esperança gelada na materia.

Pela tristeza de teus olhos

Bem dita seja a dôr das tuas agonias,
dôr que te sinto doer todos os dias,
horas e horas, constantemente...

De tua dôr me vem o gôso de ser triste,
o bem estranho, que consiste
numa delicia dolorosa e calma
de sentir, com prazer,
a minha alma soffrer
o mesmo soffrimento da tua alma.

Minha alegria é toda essa tua tristeza
(seja um êrro talvez da minha natureza
extravagante, peccaminal) . . .
Deixa-me haurir esse teu mal,
e que eu te veja sempre assim, vencida e fria,
emquanto os olhos teus adormentados,
presos á febre que te crucia,
desmaiam dentro dos meus olhos,
como dous doentes desenganados.

Embriga-me o prazer si te vejo chorar...
ah! não tivesses tu olhos tão lindos
e tão linda não fosse essa tristeza
— tristeza em luz, que choras pelo olhar!...
Aos meus sentimentos,
quando te sinto esses olhares lentos,
teus olhos — através das minhas sensações —
recordam dôres de recordações,
são dous gemidos
mudos, tremulos, infindos,
duas almas perdidas na incerteza,
dous lamentos estranhos, luminosos,
duas mysticas vontades,
dous sonhos desilludidos,
duas ancias fatigadas
de anciar com saudades...

Ó' minha Triste Alegria !
— teus olhos, nos meus olhos repousando,
dão-me a fruir, de quando em quando,
toda a volupia da melancholia.

A essencia amara da tua vida,
a lagrima, em que rola
tua illusão desilludida,
quanto consola
meus sentidos !...

Porque negar? — não, não te minto:
e meu prazer, é meu instincto
alimentar teu dissabor...
Aos meus desejos incontidos,

é sempre um bem o mal da tua morbidez,
pois choram os meus olhos, por beber
o pranto que teus olhos vão chorando,
e, quando
os meus se vão os teus deixando,
são dous ébrios cambaleando
com a ebriez da tua dôr.

Sê para sempre o meu prazer tristonho,
— alma alegria dos meus sentimentos,
— divino-inferno do meu sonho!

Guardo teus olhos scismarentos
lacrimajando
nos meus pensamentos...

E quando
tome o meu corpo a gelidez da morte,
na hora de espasmo desse transporte
— ultimo bem da minha despedida —,
saiba eu que existes,
ao ter os olhos teus, negros e tristes,
sobre meus olhos repousando,
mudos, chorando
pelos peccados da minha vida!...

Symbolo bizarro

O meu Desejo tem a linha do contôrno,
o corpo esguio, macio e môrno,
a sinuosa flexão, os habitos pacientes,
o aspecto pacato
e até mesmo a voluptia e os modos indolentes
do gato.

Cerrando a conta de ouro das pupillas,
elle prefere á bulha da alegria
as horas mudas e tranquillias
de silencio e de sombra...
Ensimesmado, em curvas de vontade,
com seus ideaes exoticos, descança
sobre a pellucia azul da confortante alfombra.
da tua lyrica lembrança.

Sonha... e és delle, assim, num sonho de Saudade...

* * *

Deverás sentil-o:
o meu Desejo te acompanha

.....

e te procura,
ó minha linda e suggestiva e estranha
criatura!

Pelas cinzas da Noute, caminhando,
elle se vae, por te sentir...
Deverás sentil-o
quando,
o lyrio humano do teu corpo esguio,
fremir,
ao fluidico arrepio
de um rapido prazer
voluptuoso,
que não podes definir,
que não saberás dizer.

* * *

Meu Desejo é um motivo artistico—toda ancia
que encerra ineditismos para o Gôso...
é o diapasão que afina
com assubtilezas de surdina.
as cordas da emoção dos meus Sentidos;
é o prazer que te adivinha pelos ruidos
dos passos, á distancia...
é a memoria em que estão as curvas dos teus gestos...
o disco em que gravaste a voz dos teus protestos;
é o olhar que arreperia o setim do teu pêjo;
o paladar que aos gostos mais se alheia
e, num sonho, saboreia,
o rúbido morango do teu beijo;
é o olfacto que absorve o teu perfume nôvo;

o poema em que teu rythmo exalço, canto, louvo;
a esperança em que toda te reclamo;
a minha sombra que te fórra os passos;
o meu Silencio pelo qual te chamo
e faz que eu abra á tua sombra os braços!...

* * *

Pensando em ti sorrio á Dôr...
Ponho os dulçores
do teu sabôr
nos amargores
do meu viver...
Por te querer, si encontro a Dôr,
dou-lhe a beber
a embriagadora ambrozia
da alegria
de te querer...

* * *

Meu Desejo de tanto desejar
e já de muito te pensar
para gloria do Amôr em que te espero, ardente,
dá que eu veja, atravez um sonho transparente,
meus pensamentos que se ficaram
longos e loiros (pudesses vel-os)...
loiros e longos como os teus cabellos,
pela distancia em que te pensaram...

* * *

Que importa te não veja?
calmo, indolente,
numa embriaguez ideal, indefinida,

curvado na ancia em que te deseja,
suggestionado pela tua vida,
sente-te o meu Desejo, embora te não veja:
sempre que elle desperta,
e, pela sala deserta,
no extase desse amôr que te derriça,
estica as unhas, se espreguiça,
e as narinas erguendo no ar dormente,
num hausto longo, absorve e gósa,
subjectivamente,
o teu perfume pudoroso e quente,
de botão de rosa...

* * *

A' noute... ah! pudesse a noute ser mais longa!...
â noute, o meu Desejo tem requintes
e volupias de nobreza...
tão finos os seus requintes,
gerados pela tua hellenica belleza,
que a noute deveria ser mais longa...

Ao silencio do teu parque ennoutecido,
quando a Lua, com luar de ethereas sêdas
atapêta as alamêdas,
e do teu palacête pelos flancos
enche-se a sombra de arabescos brancos;
quando o Socêgo apresta o ouvido
às nupcias vegetaes,
e escuta as vozes vaporosas
e as queixas sentimentaes
das rosas

que andam noivando como as mulheres;
nessa hora em que se presume
mãos de marfim desfolhem malmequêres,
numa scena romantica de ciume;
nessa hora... ó minha toda loira formosura!
o meu Desejo excentrico e orgulhoso,
buscando inéditismos para o Gôso,
pela noute te procura...

Dormes... teu somno é azul—azul de tão tranquillo...
Pelos vitraes,
em arcos ellipsaes,
acima do postigo,
da tua camara no abrigo,
a Lua
mólha de ether teu somno assim azul, tranquillo...

Sonhas e, no jardim suspenso do teu Sonho,
que a noute crêa, sob um vago estylo,
passam, cantando á Lua,
cyanoleucas visões pelo teu Sonho...

Ah! mas nessa hora, dormida,
em que te sabes com descuido,
na tua cocedra cahida,
emquanto a minha insomnia é tremula de anceios,
percorrerá teu corpo um fluido...

O meu Desejo abrindo os olhos, pelo escuro,
cheios da luz doirada que ha no Amôr,
procura pela noute o teu calor...
e subindo-te o corpo adolescente e puro,

toma o grão da volúpia do teu sangue,
sorve-te toda, demoradamente,
toda te sente
e, com torcidos meneios,
adormece, farto e langue,
sobre a camurça branca dos teus seios...

Resurreição do Dia

Agonia da Noute. Em cima, a grande curva
Do Ether, velado e triste, inda contém no seio
Do amplo estellario de ouro a illuminura turva!
Principia a clarear. A luz é um fraco aneio...
— Gigantes espectraes, rasgando o véo da bruma,
Erguem-se no horizonte as altas cordilheiras.
Espreguiça-se o Vento; e, assim, da Noute, em summa,
Desfila a procissão das horas derradeiras...
Não tarda o Dia vir. Na cathedral do Oriente,
Em breve, o padre-Sol, numa triumphal chegada,
Ante o altar-mór do Azul rezerá, finalmente,
A missa da Alvorada!

Na abstracta rêde do ar o espirito do Somno
Se occulta. A Natureza acórda num bocêjo...
Ora o que tudo mostra — estúpido abandono,
Mudar-se-ha, dentro em pouco, em sêde, ancia, desejo
De vibrar, de sentir, de estremecer com a Vida.
Entre as sombras, a luz vem penetrando o Espaço
E desperta o perfume — alma da flôr dormida.
Subindo, pois, o Sol, busca no amplo regaço

Do Infinito, beijar aTerra—a esposa amante ;
E ao prenuncio dessa hora, a montanha deserta,
O rio, o campo, o lago, a pedra, o mar distante,
Tudo, alegre, desperta.

Da orchestra florestal os musicos calados,
Unidos pelo amôr no amplexo ideal das pennas,
No thalamo feliz dos ninhos socegados,
Aguardam venha o Sol dessas manhãs serenas,
E o prateado sendal da neblina se esgarce
Expondo do Infinito a perspectiva infinda!
A luz que óra escorrega é um timido disfarce
Da Manhã somnolenta, indecisa, incerta ainda,
Cochilando a subir.A Terra, é um templo mudo
Que cirio a cirio accende e se prepara, adorna,
Para depois se abrir, descobrindo-se em tudo,
Na claridade morna.

— Bruxas da Noute morta, as sombras, vão fugindo,
Num cortejo féral de incorporeos destroços.
Penhasco, furna e gróta, aos poucos, vêm surgindo;
Assoma na penumbra a garganta dos fóssoz...
Das arvores a côma, em recortada mancha,
Desenha-se no Longe em fundo pardo exposta;
Sonho do Céu que acorda, o nimbo, se desmancha;
E o Céu — zimborio azul, curvado pela encosta
Do Extremo, paira no alto, e solitario e langue,
Já mostra pelo fundo onde a illusão se prende,
Largo leque a se abrir cõr de perola e sangue
Que a mão da Aurora estende...

Alvorada! — Hora branca, hora em que foge a calma
Dando que tudo volte ao seu labôr passado.
A alma desperta, e sóbe o incenso-fé que ha n'alma;
A flôr da Noute murcha o calice nevado;
Hora em que tudo vibra e ha em tudo um murmurio:
Ha cochichos na matta e risos na campina...
Pelo "unicordium" d'agua irá tanger o rio
Um excelso hymno ao Sol que entra o Espaço e o domina.
Resurreição do Dia! Em pleno seio ethereo,
— Rubra papoula ideal da immortal Primavera.
Desabrocha a Manhã pelo jardim siderio,
Illuminando a Esphera!

Templo onde o Sol é um idolo,
Templo infinito e azul, pompeia o Firmamento!
Gloria! A ascenção da luz é um toque ardente, estridulo,
— Vibração de um clarim
Que entra a sombra e o silencio e acórda o acampamento.
Ouro, prata, carmim,
Rútilas faiscações de mica e madreperola!
— Rosacea sideral composta de mil côres,
Sobre um fundo de pérola
Rompe a Aurora ao perfume evolado das flôres!
Nas pautas que ha na luz
Vibra a escala dos Sons — bella escala chromática,
Em claras variações das Operas do Dia!
A Vida se traduz
Numa febre de amôr. A alma da selva, extática,
Ouve agora, a vibrar,
Da ave que acorda e vòa, o can-can da Alegria
Estremecendo no ar!...
Na urna do Espaço tímido,

Em longas espiraes, vão bailando os perfumes,
Numa redowa ideal. Como um capacho húmido,
O campo, inda contém
Brilhando, sem cessar, quaes lampyricos lumes,
A' luz que do alto vem,
Um liquido collar de claras gottas trémulas!
Rutila o iris solar num fulgor diamantino!
Occultas forças émulas
Passam de arbusto a arbusto e vão de pino a pino,
Na aza da Viração...
Julgo-as fluidos vitaes, arrepios frenéticos,
A nevróse da luz nas horas emotivas
Para a fecundação.
Passando, uma após outra, em rosarios estheticos
De grandes contas, vão as alvas pombas voando!...
Rumor de azas activas
Faz-se ouvir sob a luz que anda o Espaço dourando!
Torna-se o ambiente cálido;
Pairam em todo o Azul as manchas do Arrebol.
Longas lanças de luz... frechas de luz na Altura!...
No largo peito esqualido
De um bréjo, um pique de ouro a agua penetra e fura;
Apotheose do Sol!

Alleluia! E' uma aranha em ignea teia de ouro
O ardente astro vital no Céu lavado e mórno.
Gira a Esphéra mostrando o intérmimo thesouro
Dos sêres; paira em tudo a luz brilhante em torno.
E' a Vida, é o movimento, é a lei da grande luta
Que móve o grão de areia, a flôr, o homem e o oceano;
E' o Espirito-motor — força immortal e bruta

Do que se não attinge e se faz soberano...
E da palmeira á véspe, aguia, serpente ou lêsma,
Do insecto ao pachiderme agóra tudo vibra:
Sob fóрма diversa, a Vida, é sempre a mesma
Que a todos equilibra.

No coração da matta, o exercito das aves
Resurge, rompe, roda, entra, avança, desgarrá ! !
A orchestra da Manhã faz-se ouvir nas tres claves:
Pios, ioncos, chilrear nervoso de cigarras!
Já fóra do casulo a borbolêta vôa;
Em redór da colmeia, o zumbidor enxame
Das abelhas esvoaça; anda o moscardo atôa...
E o selvagem rumor na voz do Vento brame.
Feliz do sêr que vôa em plena liberdade,
Que óra dentro do Espaço, abandonando as casas,
Póde viver e amar, gosando a Immensidade
No carnaval das azas!

Da estrada o saibro quente, em si, contém o fôgo
Das fornalhas do Dia; ha no proprio granito
Uma nuvem-vapor; a agua do Mar em jôgo
Um salitrado bafo espirala ao Infinito.
Nessa hora, o Vento, é como um lavrador que espalha
A fecunda semente á gestação da terra.
E a folha, a flôr extincta, o guano, a pluma e a palla
Vão cahindo e adubando o campo, o valle e a serrá
Para a resurreição da Vida primitiva.
Assim do cardo ao musgo e tinhorão selvagem,
Da araucaria ao bambual, em qualquer planta viva
Paira a solar bafagem.

Meio Dia. Repousa a Natureza como
Um altar na mudez da cerimonia extincta.
Ha uma longa fermata... e, no mais bello assômo,
O Sol paira no Azul. Creio que agora sinta
Um languor ou cansaço a alma das cousas todas.
Vão cahindo na terra as sombras preguiçosas...
Vencidas de embriaguez, após as aureas bôdas
Da luz, dormem no caule as pétalas das rosas;
Rola moroso o rio, é sereno, é tranquillo,
Não mais rouquenho váe: morna fadiga vence-o;
E no silencio do ar, de ave um frouxo pipillo
Váe pontuando o silencio...

E' o deliquio sensual que a Terra sente quando
O aureo semen do Sol lhe ha fecundado a entranha !
Qual seja agora o Sêr que se moveu vibrando,
Retorna ao seu repouso, a velha calma ganha.
Descendo a curva do alto ao seu primévo estado,
O Sol — velho operario, após o dia feito,
Voltará morno e triste, exanime, cançado,
Buscando pelo Occaso o seu purpureo leito.
Virá depois a Noute e, como escriptorio aberto,
Ha de outra vez o Azul curvado e escuro, pelas
Escarpas do Infinito, expôr no alto deserto
A gemma das estrellas.

Sonho de um sapo

No pantano em que vive, alheio á humana bulha,
Adora um Sapo a luz, num intimo confôrto;
Ora em terra elle surge, ora n'agua mergulha
E, posto sob a lama, assim se quéda absôrto.

Radie o Sol e a luz penetre esse antro abjecto
Que d'agua morta, ao fundo, avista-se-lhe o vulto;
E acoxado, a dormir, sobre o seu leito infecto,
Sonha que ama e que o Amôr é o luar que aclara um culto.

Se o alto coaxar das rãs, pela noute, perturba
A gelada mudez da mórbida pallude,
O Sapo se esquivando á grita dessa turba,
Do pantano saltando, attinge a margem rude.

Erguendo, então, o olhar ao Céu, cheio de assombros,
Contempla no Infinito as longinquoas estrellas,
E enquanto anda o trevor entre abysmos e escombros,
O amphibio permanece, idiotamente, a vel-as.

Olha-as até que d'Alva o accêso candelabro
Annuncie a Manhã; e, ao vir do claro dia,
O principe do lôdo, exotico e macabro,
D'agua no glauco espelho o Céu deserto espia...

Mas, preso na lorpez pathetica dos nullos,
Tendo a idéa suspensa em nebulosa trama,
Em parabolâs, no ar, jogando o corpo, aos pulos,
Penetra da pallude o coração de lama.

Scisma; e, da luz sentindo as sensações divinas
Fecha os olhos... mas vê dentro de um sonho turvo,
Reapparecer-lhe ao fundo escuro das retinas
Toda a visão do Céu illuminado e curvo.

Spleen

Era-me como hoje, o mesmo "spleen" atroz:
suffocava-me a sombra, o silencio me doia...
todo o meu ser soffria
uma doença de alma, um mal incomprehendido,
um mal que era, talvez, o mal de ter nascido.

Fóra, na apathia da tarde, fóra,
nessa hora,
cahindo, o Sol, como eu, tambem soffria...

Recordo bem... foi quando, então, te ouvi.
Cantavas e, tua voz,
ó minha linda estranha!
com que tristeza a tua voz senti,
com que tristeza e sensação tamanha!

Tua vóz macia,
mansa, sinuosa,
oleosa
de melodia,
cariciante de suavidade.

encheu-me a alma de paina... e, languido, sonhando,
cuidei ouvir, cantando,
a voz doirada da Felicidade...

E' sempre bom ouvir cantar quando se é triste...
nasce do canto
um sugestivo gôzo
um quebranto,
um desejo voluptuoso
de amar alguém e ser eternamente triste...
pois, te ouvindo,
esqueceu-se de dêr a minha dôr,
sentindo
o inedito sabor
que só se explica, se traduz,
no symbolo de um fructo espiritual, divino,
um fructo transparente e quasi fluido, fino,
cuja polpa sedosa e leve
contém alvôres lyricos, de neve,
e a essencia do ether que adormece a luz...

Na minha solidão,
o som da tua voz, lento e suave,
fôra o perfume de teu coração
que me chegara como o fumo azul do incenso,
suspenso,
sobre o extase das sombras de uma nave.

Tentei amar a Vida amando a tua voz...
Mas hoje, que me volta o mesmo "spleen" atroz
e que não mais te escuto,
contemplo o mundo sob um véo de luto

e conjecturo, tristonho,
sobre a desillusão daquelle sonho:
foste tu, minha morbida esperança,
que, ante a alegria que não mais existe,
para sempre te partiste
allucinada de desolação...
e cantavas, em despedida,
a funerea canção
da morte de minha Vida.

Pela saudade da luz

O aureo verniz da luz o Occaso doura...
A Vida cála e, soporenta, amaina
sob a etherea paina
que amacia
o seio môrno desta tarde loura.

Extinguem-se os rumores,
com a fuga dos vapores
do Dia.

A Sombra o espaço levemente turva,
e o Sol, cançado,
na languidez de um transe derradeiro,
vae-se, pela extrema curva,
glorificado
como um guerreiro
antigo...

Ah! e eu saudo o Sol — o meu maior amigo,
mestre das minhas sensações,

meu velho irmão de vibrações,
meu luminoso pae!

E, na apyrexia dest' hora
em que o Silencio a voz do espirito traduz,
de cada couza se evapóra,
numa intima expressão,
uma saudosa sensação
que vae
seguindo a Luz . . .

A Natureza se retem como que preza
numa absorção immensa,
num extase de biblica tristeza,
e pensa:

“A Luz foi para a Terra o sangue da Esperança,
foi o sabor do Som e o enlevo da Harmonia,
o rizo de ouro da Alegria,
a espiritual e universal Alliança,
a voz e andou falando pela Côr,
o oxigenio vital do Pensamento,
o animico elemento
que deu prazer a todas as vontades,
a fluidica semente
ardente
que Deus — o lavrador
dos mundos,
nos seus labores fecundos,
lançou na Immensidade
e fez nascer o Dia!

.....

.....

A Vida, na penumbra, se conduz
á ruina do Jardim das illusões...
a Sombra — é um desmaio de emoções,
é o estado cataleptico da Luz...
E, nesse espasmo azul da Calma,
sentindo a Natureza, entra-me na Alma
a dôr vaga e macia
da saudade do Dia.

Do Firmamento
em torno,
olha-me neste momento,
o ultimo olhar do Sol, tremulo e morno...

No hypnotico socêgo da devêza,
na apathia das horas vesperaes,
as arvores, em mimicas posturas
de verdes creaturas
sentimentaes,
colhem na mão das folhas a aurea esmóla
dessa extrema luz que róla
sobre a Natureza.

A Terra, no abandono,
—viuva do Sol, muda e tranquilla,
ergue os olhos lethargicos e baços
para o supremo altar ethereo dos espaços,
onde Vesper já scintilla,
como a hostia espiritual da communhão do Somno...

.....

E tudo réza...
faz-se um rumor suave
de nave
pela Natureza...
quedam-se em attitude religioza
as mãos, os galhos, as antennas
e as pennas...
cahem pétalas ao chão,
na syllabica expressão
de uma oração
silenciosa...

E pelas torres esticadas,
mumificadas
no arranco mystico de uma ancia,
os sinos — bronzeas boccas, anhelantes,
rezam á chanaan dos Céos distantes,
na chymera infinita da Distancia...

Assim, nest'hora absorta em que se apaga o Dia,
em que o silencio a voz do espirito traduz,
de cada Ser se escuta, em toda a Natureza,
a secreta melodia
da Ave-Maria da Tristeza,
pela saudade da Luz.

Natal

Ante o extase da Lua os gallos cantam. Cria
Belem, á unção do luar, a esperança mais pura;
e a Estrella do Pastor, sorrindo em luz, da Altura,
abençôa o natal do filho de Maria.

Toda envolta em perfume a Terra se inebria...
Ha um cicio, um rumor... tudo fala e murmura;
e, sob a noute, ao céu, da flor ou da criatura,
a alma se eleva e canta e vibra de alegria.

Só Maria, em silencio, a olhar seu filho, é triste:
— vago prenuncio máo de um destino persiste
em, do materno amôr, extorquir-lhe o conforto.

E Jesus, louro e lindo, adormecido e langue,
sonha, então, que será, numa orgia de sangue,
—o estandarte da Morte, alevantado no Horto.

De um rochedo

Ante a febre do mar, rancoroso, em seu mytho,
a sós, de pé, na prôa, exposto á ventania,
aos meus olhos teu vulto esguio parecia
um desafio mudo, um silencioso grito.

Seguia-te de longe, o meu olhar afflicto,
o meu selvagem ciume, em ancias, te seguia...
e tu, ó meu Amôr, alheia a esta agonia,
gosavas a volupia immensa do Infinito!...

Procuravas, talvez, na caricia do Vento,
estranha inspiração para o teu pensamento
—gloria da tua vida e minha lenta ruina...

E te foste, afinal, em meio ao mar sem calma,
emquanto esse outro mar bravio da minh'alma,
batia, em vão, raivando, ao mal da sua sina!...

Partindo

“Nem um adeus! o teu Amôr partia...”

GILKA MACHADO.

Sem um adeus! Sómente a dôr sombria
de te perder... e, olhando para traz,
ante meus olhos Paquetá fugia,
amortalhada em brumas hybernaes.

Nem um adeus! Sem teu adeus partia
condemnado a remorsos immortaes...
Que diga o coração... quanta agonia,
que ancia, que desespero em horas taes!

Do mar sentindo, então, o abysmo fundo,
amei a morte e, odiando a Vida e o Mundo,
sorri á idéa de deixar de ser...

Mas que loucura, que illusão, Querida!
deixando a minha vida em tua vida,
fôra-me inutil desejar morrer.

Verão

Abro as janellas da Alma á esmeralda da terra!
a fôrtes emoções hoje o Sol me convida. . .
A Natureza, arfando, os seus pulmões descerra
e haure o ether da luz das alturas vertida.

Canta a Saúde um hymno e, cada ser, encerra
a robusta expressão da vontade nutrida.
O Oceano fala ao Céu em phrases de onda, e berra
no cosmico concerto animico da Vida!

Ha pó de ouro no espaço. . . ha por tudo um thesouro:
é de ouro o campo, a serra, a pedra, o lago, o rio,
e o Sol—pepita astral—derrete em luz todo o ouro. . .

Alarma-se a manhan com vibrações bizarras,
e aurea marcha triumphal rompe, saudando o Estio,
no estridulo clarim dos chilros das cigarras!

Ar livre

I

De umbroso bosque ao rudo abrigo da folhagem,
moniliforme, a ondear o corpo longo, frio,
por entre a capituva e o tinhorão selvagem,
raucisono, de rôjo, avança e rôla o rio.

Toda a vegetação rúpicola, na scisma
de um captiveiro atroz, dos adytos da pedra
contempla-o. Na agua estende a trama verde a alisma,
e, as margens tapizando, o musgo alastra e medra.

O rio se espreguiça, estorce o dorso, avança,
freme, escorrega, espuma, alvo cocar levanta
sobre o que em si encontra e, empós, bolhando, em trança,
prosegue em seu deslize e, com murmulhos, canta.

Canta arrastando a frouxa e argentea calasyres
da agua broslada á luz que o firmamento envia;
e ufano reverbéra as tintas fluidas do iris,
que dão sabôr á fôrma e á esthetica do Dia.

Transpondo-o, por cima, entrelaça-se a rama
das arvores, compondo um tecto arcoal, frondoso,
e a voz da agua, por baixo, incansavel, proclama
a ancia de um sentimento ondulante, nervoso.

Trémula, a crispa em flôr, sobre os vitraes polidos
da lympha, se recurva; em fios, lado a lado,
pendiculam cipós dos troncos desprendidos...
e, com olhos de espuma, olha o rio, deitado.

Attento o ouvido frio, elle ouve o verde idioma
que fala o vegetal; com mudos haustos, sente
as floreas emoções que andam dentro do arôma
trazido pela Oressa ao largo espaço-ambiente.

Nada o retém. Se o tempo, acaso, o congestiona,
sanhudo arranca a flôr que ao seu corpo se inclina,
e á feição de um corcéel, galopa e turbilhona,
sacudindo, violento, a alva e espumosa crina.

E Bóreas entre o bosque as franças assoprando,
em todo elle ha um sorriso em perolas de bôlhas;
falam-lhe os vegetaes e, cahindo, quando a quando,
sobre a pagina da agua ha syllabas de folhas...

Vezes, numa redowa, em torvelins, suspenso,
da agua ao crebo orchestral, entre a sombra discreta,
das borboletas baila o enxame, sob o intenso
verde-vivo da balsa adormecida e quiéta...

A annicola se estende e, acidiosa, se esfolha
ao mádido contacto; e o Sol — o artista louro,
da officina do Espaço, em suas aguas molha
o igneo e basto torsal da cabelleira de ouro.

A translucida umbella etherea, no alto erguida,
pelo humido crystal, a sua sombra espalma,
e a larga curva azul, bem no fundo immergida,
symboliza a visão da imagem da sua alma.

Ao brazeiro estival, si a Natureza em ancia
offéga, elle offerece allivio ao mal que a encerra,
pois, disposta em arteria, através da distancia,
a agua é o sangue que anima o coração da Terra.

Absorve-a tudo quanto existe na floresta,
tudo: pedra ou raiz, serpente, arbusto ou caça,
e o homem, quando sequioso ao mormaço que o cresta,
colhe á concha das mãos a agua que espuma e passa.

E o rio, tumeroso, em recurvada róta,
como estranha ampulheta, a correr, não descansa,
e óra debruando o campo, óra franjando a gróta,
canta em musica de agua os hymnos da Esperança.

Tal o ascenso de um sonho, a marreca assustada
vôa, distende no ar o bico gualdo e chato,
e, entre cinzenta e branca, a pennugem molhada
da aza batendo á luz, busca a calma do matto.

Atravessa-o, além, ponte solida e ruda,
— obra de um temporal num derrubado tronco,
e o rio, em baixo, como alguém que a Vida estuda,
monológa na sombra e faz-se ouvir num ronco.

Caminha, avança e, empós, aos enxurros da areia,
arrazá, expondo ao céo o alvo ventre da praia...
e sentindo do vento a carícia, elle ondeia
com a humana sensação de quem descansa, e guaia...

Ao dealbar das manhãs, pelas horas primeiras,
ouve-se, então, vibrar, á luz que já scintilla,
a voz da agua cantando e a voz das lavandeiras,
emquanto a alma do dia ascende no ar, tranquilla.

II

Jámais busquei de Pan a astucia, o qual, num dia,
occulto entre myrthaes, querendo obter o gosto
de certa nympha espiar no banho, eis que fingia
achar-se de Morpheu nos calmos braços pôsto.

Conduzira-me o acaso. Houvesse eu penetrado
por atalho que vae ao pouso nemorante,
quando, ao secco rumor do matto ali quebrado,
senti que, para o rio, alguém seguia adeante.

Alguém que a passo meudo e trépido lembrava
o caminhar da côrça, entre folhas, de manso,
parando, a ouvir, si perto um galho balanceava
ao contacto de uma ave em busca de descanso.

Não me retive a crer tivesse me illudido:
seguia á minha frente uma qualquer creatura...
e, ancioso por sabel-a, apresto tendo o ouvido
apressei-me a chegar do bosque á calma escura.

E distendendo o olhar través o pensamento,
do rio, emfim, já perto eu me encontrava, quando
extatico fiquei, ao ver em tal momento,
qual si Náyade fosse — Alba no bosque entrando...

Houvera egual surpresa em tudo — essa surpresa
que se deriva da arte ante uma estatua linda...
um extase em redor... na alma da Natureza
vibrou alta emoção de uma volupia infinda!

Teve um sussurro o vento e todo o ambiente um riso
de azas... sorriu, cantando, o passaro desperto;
cada fronde dir-se-ia um chocalhante guiso,
e, cada verde palma, um leque verde aberto...

O Sol — que, assim, nesta hora, uma ave estranha, de ouro,
me suggeriu, abrindo azas igneas no ar morno,
ao vel-a, o Sol se fez inda mais quente e louro,
e, baixando-lhe o olhar, com o olhar tacteou-a em torno...

Os passaros, ao vel-a, enlevados, num sonho,
cuidaram Diana ver... e óra o bosque, em rumores,
era um gôso por tudo, um symptoma risonho
na agua, na pedra, no ar, nos passaros, nas flôres!

Pela abobada glauca, em cima, apparecia
o céo curvado e azul que espiava o rio, espiava...
e, ao ver-lhe a carne pulchra, o proprio céo, sorria;
é que Alba óra desnuda inteiramente estava!

Ia na agua banhar o corpo claro e lindo,
e do penteado esfiando os escuros novellos,
tal a noute polar sobre o gelo cahindo,
desceu-lhe no alvo corpo a noute dos cabellos...

Os seios, sem pudor, de sob as mãos soltando,
as mãos estende e molha os dedos na corrente...
recúa, treme, ri, e a rir, vae borrifando,
de agua a curva do ventre entumecido e quente.

Mas logo os braços ergue, empina as pômas duras,
e olhos pondo em redor, ella de olhar se assusta:
vê-se través a lympha em suas fórmas puras,
núa, surgindo á luz pubescente e robusta.

De novo á frente torna: a agua oscula-lhe as plantas,
e da caricia fria affeita ao gôso frio,
resoluta, afinal, empós tibiezas tantas,
dá-se toda de um salto á volupia do rio...

Rebenta-se um collar de bôlhas reluzentes,
e emquanto, num mergulho, o corpo move, ás voltas,
leva quasi no fundo os dous seios trementes,
— sazoadas maçãs embalançando, ás soltas.

Projecta-se-lhe a sombra, a tremer sobre a areia,
sua virgem nudez a areia accorda e açula...
e o rio, por contel-a, offéga, empóla e anceia,
arfa, róla, remoinha, avança, corre, ondula...

Da agua ao espumeo brocado em pontos crystalinos,
fluctúa, desmanchado, ondulando, revólto,
frouxo, ebanico e lindo, em longos fios finos
— estranho polvo negro — o seu cabello sólto...

Retém-se tudo em pasmo: aves, flôres, em summa,
a vida em seu conjuncto. As frias aguas, turvas,
osculam-n'a, cingindo-a, e os beijos seus, de espuma,
percorrem-lhe do corpo a esthetica das curvas.

Em cada cousa muda uma ancia voluptuosa,
uma ancia viva e verde a explodir na paizagem...
parecia que, ao vel-a, a Natureza, anciosa,
symbolizava nella a sua propria imagem.

Das pedras, em redor, furnas, rombos escuros
— mysticos olhos sem pupilla, em pasmo goso,
observavam-n'a como os olhos do Futuro,
antelibando o amôr num sonho venturoso.

Ao vel-a, tambem eu, entre sorprezo e absôrto,
bebedo de prazer, numa tortura calma,
era uma pyra ardendo e, num lento confôrto,
deixava espiralar o fumo abstracto da alma...

A agua no ultimo enlace e derradeiro aneio,
lambe-a nas côxas, e Alba surge, finalmente,
humida e núa, em pé, das encyclias em meio,
na gloria virginal da carne adolescente!

Agil, deixando o rio, ao capacho da gramma
volta. Por tudo paíra um gôso satisfeito...
A hora vae alta. O Sol, já no zenith derrama
o quente suor de luz que transuda o seu peito...

Agora, erguendo as mãos, o corpo em curva, e pelos
dedos a negra côma apertando, premendo,
dá que ao tapiz da relva a agua dos seus cabellos,
num frio lacrimal desça toda, correndo...

Em sua roupa ruda o corpo em breve occulta,
e, ante a nudez velada, ella ainda mais excita,
pois, esguia e graciosa, a sua fôrma avulta
na inedita feição de uma flôr exquisita.

Depois, vibrou pelo ar com a musica dos ninhos
uma canção de amôr; ella já se não via...
fôra-se e, além, cantando, a sumir, nos caminhos
a alma deixava voar, na apothese do Dia.

Cantava... e, no caminho, os passaros cantavam
da çoula do Sol alastravam-se os lumes;
pelo espaço dormente, em curvas, deslizavam
numa valsa secreta os échos e os perfumes.

Ficára em todo o ambiente espiritual cansaço...
Cada arvore, dir-se-ia, então, que ainda escutava,
na amplitude dourada e concava do espaço,
o écho daquela voz que, distante, vibrava.

Por fim voltou a paz. Retornára ao socêgo
a Natureza, e só, rompendo a calma, o rio,
como o peito de um fauno, em satisfeito offêgo,
arquejava, ondulante, em rouco murmurio...

Minha Alma, num sabor lendario e suggestivo,
divagava, num sonho, em longinquas distancias,
e mudo, na absorpção de um extase, captivo,
adormeci no sangue as derradeiras ancias.

Hoje, aos rythmos da Vida, inda oiço a Natureza,
e aos olhos do meu Sonho uma visão perdura
núa, em pleno fulgor da Fórma e da Belleza,
lyricamente ideal, virginalmente pura!

Hymno ás arvores

Ver-vos não só me basta, inda mais quero: amar-vos;
somos partos eguaes da procreação da Terra;
não nos pode impedir a estupidez dos parvos
este amôr, nosso amôr que a liberdade encerra!
Saudemo-nos, então, minhas bôas irmans,
bebendo a luz do Sol na taça das manhans!

Amar-vos é possuir o estímulo dos nervos,
é viver a vibrar, sempre feliz, contente;
pois, para vos ter perto e sempre conhecer-vos,
farei cahir na terra o germen da semente.
Por vós empregarei meu braço resolutu,
que me dareis, mais tarde, o alimenticio fructo.

Erguido o tronco, emfim, na exubere rudeza,
e ao tremulo sorrir das folhas e rebentos,
tereí, no eterno templo ideal da natureza,
a victoria do esforço e dos trabalhos lentos.
Por vós eu gosarei da excelsa gloria — o Bem,
que, provindo de mim, de vós, assim, provém.

Ter-vos é ter o amparo, o abrigo do futuro,
tendo para o amanhã a tenda do descanço;
que intermino se torne o nosso affecto puro
e universal se faça o culto em que me lanço!
Hoje ponho por vós o meu trabalho em jôgo,
que um dia me dareis o necessario fôgo.

Sentir-vos é gosar a flôr que em si resume
um osculo de amôr — o vosso beijo agreste;
é ter no narcotismo estranho do perfume
o sonho da estação que de illusões se veste.
Vós me dareis a sombra, e, sob a sombra, então,
eu dormirei, feliz, calmando o coração

O' arvores vós sois no interior desse templo
os symbolos da paz, da communhão fraterna,
o producto da união, o universal exemplo,
o estandarte vital de uma victoria eterna!
Alongae mais e mais vossas sombras discretas!
— que seria sem vós das aves e dos poetas?...

Trabalhar é viver conquistando saude,
é despertar a vida e sacudir o sangue;
que se finde a indolencia, o doce mal que illude,
no pezado sopor que torna o corpo exangue...
Trabalhar é viver, é conquistar, seguir,
pela estrada de luz que nos leva ao Porvir.

Assim, por todas vós minha alma sempre erguida,
cantará sob a luz o hymno da Liberdade!
Que se una a minha vida á vossa calma vida,
dentro da cathedral azul da Immensidade!
Cumpramos, na mudez das forças combinadas,
as leis que nos estão ha muito destinadas.

Não nos pode impedir a estupidez humana
este affecto assim puro, este affecto sublime;
a razão é uma força intensa e soberana
que apresenta a Virtude e faz tombar o Crime.
Nosso amôr se contempla em face, natural,
na verdade — o alvo e antigo espelho de crystal.

Amar-vos-hei, portanto, emquanto vivo, e, tendo
retornado ao que fui na evolução da Sorte,
inda por vós serei — homem — me desfazendo,
na decomposição periodica da Morte.
Arvores que reputo amigas superiores,
absorvei minha seiva e transformae-me em flôres!...

Lyrismo

Tua pequena casa lembra um ninho
num jasmineiro em flôr;
e tu, lá dentro, és como o passarinho,
que, ao vir do Sol, pelo romper da aurora,
mal despertando, faz ouvir por fóra
uma canção de amôr...

Tua casinha, olhada bem de frente,
tem visos de um pombal...
quanta poesia aromatiza o ambiente!
— ao ouro da matinea claridade,
azas bates lá dentro de anciedade,
ó minha pomba ideal!...

Tua pequena casa é um cofre antigo
que uma joia contém...
ver-te nem mesmo sei como consigo!
Tão retrahida em teu abrigo puro,
como clareias todo meu futur,o
que luz de ti me vem!...

.....

Tua pequena casa, de tão linda,
é um casulo taful...
e tu, lá dentro, és a lagarta ainda,
que se prepara num desejo brando,
para sahir em claro dia, voando,
qual borboleta azul...

Tua casinha é uma amphora exquisita
contendo o vinho Cós...
Só de a lembrar meu cerebro se excita,
e, dentro della, que embriaguez de sonho,
quando em tua belleza os olhos ponho,
quando te escuto a voz!...

A tua casa já se não semelha
a uma colmeia: é igual;
e nella tu és a mais estranha abelha,
por cuja vida hei de morrer um dia,
seguindo-te no vôo de poesia,
no alto surto nupcial!...

Tua pequena casa lembra um ninho
num jasmineiro em flôr...
e tu, lá dentro, és como o passarinho,
que, ao vir do Sol, pelo romper da aurora,
mal despertando, faz ouvir, por fóra,
uma canção de amôr!...

Canção dos remos

De manso, marolando, a agua balança
como si a infancia da Esperança
estivesse a embalar...

A Ilha dorme, não se ouve bulha,
praias desertas, reina o abandono
que ha nos languores matinaes do somno...

A esta hora
emquanto alvóra
e a Ilha dorme,
busco sentir-me na enseada enórme;
e o meu canoe, como uma estranha agulha,
a deslizar,
vae me levando
e alinhavando
o verde lençol do Mar...

Numa caricia de amante nova
que desperta
e, muito amorosa,
porém medrosa,
se nos offerta...

numa carícia de amante nova
— humidos labios, frescos, macios,
toda num beijo dando-me á prova
almos sabôres, sensuaes, sadios,
— beija-me a Briza em pleno Mar;
e, após, sorrindo,
corre, fugindo,
numa carícia de amante nova,
sem que eu a possa tambem beijar...

Aos meus olhos, então,
numa estranha concepção,
a Ilha afastada
em meio á enseada
que a rodeia,
parece que se move a caminhar...
caminha para traz, dir-se-ia que receia...
e, nesta illusão que me domina,
vendo-a, supponho, ver uma menina
saías verdes arregaçando
e mergulhando
seus alvos pés dentro do Mar...

Assim, nesta hora branca e fria,
emquanto a Ilha
os meus olhos de poeta maravilha
e enche a minh'alma de poesia,
meus remos, symetricos e finos,
— dois versos alexandrinos
inspirados pelo Mar,
na agua, de leve, poizando,
vão, rythmicos, cantando,
esta canção singular:

De vagar, sobre as espumas
caminha a Luz, sem pizar...
traz uma bôa de plumas
feita de nuvens, pelo ar.
Rosada por entre plumas
desliza a Luz, de vagar,
e buscam vel-a as espumas
que são os olhos do Mar.

Deus fez a Luz tão feliz
que a agua ella passa sem ponte...
pois do Mar vae á Matriz
do Senhor Jesus do Monte.
E quando, então, já rezando
os sinos cantam pelo ar,
por sobre a Matriz pairando
a Luz começa a rezar...

As ondinas, em sinuosas,
dansam á Luz a rolar...
e as espumas como rosas,
vão nas praias se esfolhar...
Torcendo o corpo, em sinuosas,
as ondinas, sem parar,
dansam, rolando, nervosas,
a valsa verde do Mar.

As Horas se espreguiçando
bocejam, a murmurar...
o Somno o leito deixando
se espreguiça, a bocejar...

As Horas se espreguiçando
levam a Noute, a boiar,
e o Dia a Vida abençoando,
saúda-lhes o acordar!

Canta o Mar de bom humor
com symptomas de quem ama,
e seus desejos de amôr
beijando a Terra proclama.
E muda, porém, sorrindo,
aos beijos que a vão beijar,
a Terra espasma, fruindo
toda a volupia do Mar!

E sempre que nós cantamos,
ao rumor da agua, a espumar,
cantando, embora, escutamos
a voz dos peixes do Mar.
Os peixes, si nós cantamos,
dizem baixinho, a nadar:
“E’ a voz dos remos... fujaamos!
ha pescador a pescar...”

Serenamente, de manso,
para que eu melhor sinta a natureza,
calam-se os remos... e descanço
a alma, embriagando-a na belleza
desta manhan tão linda!
A agua, em ondas, se deстранça...
e o meu canoe, sob manhan tão linda,
alvo como uma garça, a fluctuar,
tambem descança
de andar...

A Ilha acórda: E, á luz de ambar e rosa
que agora desce o espaço e a vae banhar,
dentre as ilhas eu creio; é ella a mais formosa
filha do Mar!

Suggerindo um collar desfeito
que lhe escapasse do peito
e rolasse, finalmente,
para as aguas,
surgem — contas esparsas — os rochedos..
Engrinaldam-n'a as rubras trepadeiras,
e arfando os seios verdes, de arvoredos,
a ouvir do Vento as abstractas maguas,
ella, tardes inteiras,
baloíça, vaidosamente,
seus leques longos, de palmeiras...

Do arrebol,
radiante e louro,
envolto num gibão de tremulos vapores
dá-lhe “Bom-Dia” o Sol!
E enthusiasmando os pescadores
a pescar,
o Sol vareja do alto uma tarrrafa de ouro
sobre o Mar!

Ballada do arôma

Busco sempre a embriaguez espiritual do Arôma;
O arôma que é de Flôra o mágico licôr...
Absôrvo-o e sinto que elle a alma toda me toma;
E, num deliquio estranho, em secreto languor,
Góso de ethereo sonho o inédito sabôr.
— Anesthesico d'Alma — unccção das minhas dôres
— Fluido que da nevróse incognita das flôres
Penetra o olfacto e vae no coração vibrar...
— Espirito da Flôr que a musica das Côres,
Ora vem e ora vae vibrando na harpa do Ar.

Ao Sol nascente, quando a luz doura a montanha,
Ao Sol — pintor astral que uza tintas de luz,
Nessa hora, de onde o tenha, elle espirala e ganha
A liberdade do alto e, no alto, assim, traduz
A essencia da emoção que o vegetal produz,
Para que a Terra envie ao Sol seu floreo beijo.
— Sonho alado da Flôr que sóbe num adêjo,
— Incensorio pagão das hálias matinaes...
Ah! com elle desperto á luz e ao rumorejo
Bate o meu coração entre visões lyriaes.

E sempre que de cima o Firmamento assôma,
Abrindo no infinito a epopéa da Côr,
Na hora em que se realiza a festa polycrôma
Do meio-dia, ao Sol radiante, abrazador,
O Arôma é um hymno excelso entoado ao deus do Amôr.
Soam dentro da luz os aromæes vapores,
E a muzica tremúla em notas multicores,
Dando a tudo o desejo intérmimo de amar,
E languido, sensual, emocionando ardores,
Ora vem e ora vae vibrando na harpa do Ar.

A' tarde, á morta luz, finda a diurna campanha,
Quando no Occazo o Sol lembra no Hôrto Jesus,
Na tristeza da sombra, elle, saudade estranha
Acorda e, para o céu subindo, me seduz...
Surge, então, no meu Sonho a imagem de uma cruz;
E ante a minha esperança e o meu final almejo,
Sinto-o como se fosse a fé que um sertanejo
Prende a essa illuzão das cousas celestiaes...
E por sentil-o, assim, nesse divino ensejo,
Bate o meu coração entre visões lyriaes.

Desça, embóra, da Noute a mystica redôma,
Encerrando em seu bôjo o somno embalador;
A' Noute o Arôma é sempre um suggestivo idioma
Que fallam na quietude as pétalas da Flôr.
Que importa a tréva occulte os males do terror?
Elle á treva dará symptomas seductores,
E até que a Aurora espalhe os primeiros albores,
Sinto-o subir no ambiente, em curvas, a ondular,
E espiritualizando o silencio e os trevôres,
Ora vem e ora vae vibrando na harpa do Ar.

Na vertigem do sonho elle me envolve e banha
Enleva-me toda a alma e aos mysterios me induz;
E, sempre, quando o arôma, o olfacto me acompanha,
A Poesia me vem do pensamento á flux.
— Aza abstracta que para o céu a alma conduz,
Si é languido e subtil, lembra um leve bocêjo,
E si é forte, febril, aggride, inflamma o pêjo,
Com a morna excitação de desejos sensuaes. . .
Ah! mas findo o prazer, sentindo o seu bafejo,
Bate o meu coração entre visões lyriaes.

OFFERENDA

Poetas que sois da Vida os immortaes cantores!
— Sacerdotes do Bello — emotivos creadores!
Sorvei a alma da Flôr para melhor cantar:
O Arôma é sempre o ideal que, para os sonhadores,
Ora vem e ora vae vibrando na harpa do Ar.
Poetas, si despertaes ao som de um vago harpejo,
Sentindo, para o ignoto, um mystico desejo,
Na aza leve do Arôma ide ás mansões idéaes,
Que direis, afinal, num sonho bemfazejo:
Bate o meu coração entre visões lyriaes.

Triangulo da Morte

I

A GUERRA

Como um faminto leão que a preza busca e aguarda,
— vitrino olhar, sondando um rastro sobre a terra
o Homem, com a suggestão maléfica da Farda,
procura o Homem vencer, pelos crimes da Guerra.

Armas toma e, abrepticio, eil-o avança e não tarda
conquistar pela força o triumpho que ella encerra;
e, empós, pouzada a lança e á mudez da bombardada,
escuta o horror do exicio ecoar de serra em serra.

Finda a orgia da Mórte extinguem-se as batalhas;
registar-se na Historia a tragedia violenta
do ribombo brutal das boccas das metralhas...

E sempre a Humanidade—a velha enferma, exangue,
emquanto a face occulta, os braços ensanguenta
na rubra bacchanal das Glorias e do Sangue!

II

A PESTE

Faz-se armistício empós sanguinolenta luta...
mudas, haurem a vida as boccas dos canhões;
e óra, do embate atroz da força ferrea e bruta,
resta, apenas, da Mórte o mal das podridões.

Pelo enorme exterminio, em meio ás solidões,
o ar infecciona; e enquanto o Homem segue e perscruta
todo o effeito mortal das bellicas acções,
funda e negra apathia o ambiente envolve e enluta.

Erguem-se para Deus braços hirtos e enfermos...
Prosegue, alastra o mal, vae da cidade aos êrmos
entoxicando a Vida e espalhando o terror...

E' a Peste. E o Triumpho passa, em silencio, escutando,
a voz da maldição que vem, de quando em quando,
da Innocencia que morre entre grilhões de Dôr.

III

A FOME

Ruina, devastação, luto, aniquilamento...
Sobre escombros, scismando, a Mórte sonda e espia,
e a alma triste da terra, esmarrida e sombria,
ergue os olhos ao Céu, transida em soffrimento.

E' o fim do morticinio. Erra na voz do vento
o desespero humano em transes de agonia...
e abrindo sobre tudo a aza mirrada e fria,
da Miseria o phantasma apparece, negrento.

Em cada canto existe um aspeito tristonho;
a orphandade e a viuvez choram na desventura;
desfez-se em cinza o Idéal, tornou-se em fumo o Sonho...

E o Homem, no lar vazio, esquecido e sem nome,
contempla, na expiação de uma grande tortura,
entre os braços da Gloria, o cadaver da Fôme.

Philosophia de um sapo

De uma palude ao fundo estagnado, nojento,
um feio sápo ancião, alheiado, em longa scisma,
olha da agua através, qual si através de um prisma
sondar buscasse alguém a origem de um tormento.

E, posto a meditar, eil-o que, assim, se abysma:
“Desde que á Vida eu vim, sonhei o soffrimento
de um mal que anda lá fóra e que, a todo o momento,
a Humanidade sente e illudida sophisma...

Sonhando, pois, sou triste... o meu canto é um gemido...
mas, quem veio da lama e na lama ha vivido,
nella sómente encontra o seu melhor conforto.

Nascer, viver, morrer é tudo para todos,
e, si a morte é descer ao fundo destes lôdos,
eu me fiquei vivendo inteiramente morto...”

Deslumbramento

(A's manhans de Paquetá).

Que dia lindo! A luz tem ancias de falar...
O céu é tão azul, tão limpido, tão fino,
que eu escuto um rumor de azas, rumor divino,
que os anjos vão fazendo, além do ether, a voar...

Suppõe-se até que Deus ande sorrindo no ar...
O oceano é um hymno de agua, a Terra inteira é um hymno,
e, tentando vencer o immutavel destino,
a alma cheia de amôr, na solidão, a amar...

Que dia lindo! Ah! fosse o meu sonho sem fim,
e este céu e esta luz, pulchros como a Virtude,
fossem, num dia eterno, eternamente assim!...

Um symptoma feliz anima todo ser,
e, ante o deslumbramento em que a vista se illude,
sente-se o coração glorioso de viver!...

A tristeza do Relógio

(De 1908 para 1909)

Qual um tísico, assim, que as illusões primeiras,
fanadas illusões, num sonho, as tem fugindo,
á meia-noute ouvi, desse anno velho e findo,
soluçar meu relógio as horas derradeiras.

E eu que sempre o escutei, manhans, tardes inteiras,
calmo, no seu tic-tac, o tempo dividindo,
por ouvil-o em tal noute, estremecei, sentindo,
como que um choro atroz de doze carpideiras...

Então, saudoso e absorto, entre sombras e fraguas,
a rêde da Lembrança abri sobre o Passado
e colhi pelo escuro as fallecidas maguas.

Ah! e o relógio embóra ouvisse tantas vezes,
jámais tão triste o ouvi bater, lento e maguado,
no extremo funeral dos Dias e dos Mezes.

(De 1909 para 1910)

Não tarda: vae falar para o Silencio. Fóra,
no viveiro da noite erram aves de agouro;
vão pyrilampos no ar, com finas linhas de ouro,
bordando os mantos reaes para os festins da Aurora.

Ha pelo espaço-ambiente um profundo desdouro...
Sobre o leito do tempo o velho Anno estertora...
Sonho? — não sei si sonho: o certo é que nesta hora,
vejo sobre um sepulchro uma palma de louro...

Sinto que dentre um riso uma lagrima desce,
ante o fim desta noite e a esperança dos dias...
oh! a nova illusão com que a Illusão se esquece!...

Fala o Relogio, emfim: “Doze horas... desenganos...
doze mezes — collar de maguas e alegrias...
ah! como inuteis são horas e dias e annos!...”

A tristeza dos bois

A Alberto de Oliveira.

Esbrazeia o verão. Fervem as ondas do ar...
Em purpuras, o occaso, ante a luz que declina,
suggere uma suspensa e estranha guilhotina
onde assoma do sol a cabeça a sangrar.

De retôrno, na estrada, aos queimôres da areia
cálida, abandonando o campo, vêm os bois,
vagarosos, na paz que esse periodo enleia,
num habito ritual, seguindo, dois a dois.

— Symbolos da pachorra e da resignação,
movendo o corpo informe á maneira de um fardo,
rythmam o passo lento, enxotando o m'oscardo
com a cauda, em curvas, no ar, que elles movendo vão.

Ao extase da tarde, absôrta, a Natureza
unta os nervos com a luz que é como um oleo louro...
Ha deliquios de côr por toda a redondeza;
cerra-se o escriptorio Azul com o célico thezouro.

No glóbulo ocular dos calmos animaes,
numa recordação que a alma nutre e não perde,
paira o campo, em vizão, numa saudade verde,
como um vago sabor dos sabores finaes...

Ao vel-os, eis que, então, se percebe e comprehende
que elles guardam qualquer sentimento profundo:
o mystico temor que nos domina e prende
quando a tréva começa a ennegrecer o mundo.

Boseando, a um diapasão de preguiça sensual,
ouve-se um camponez. Distante dobra um sino...
e emquanto psalmodia essa enea voz, num hymno,
transporta-se na sombra a vida espiritual.

A noute, emfim, no espaço abre as azas do mytho
e vem, lenta, arrastando os cabellos desnastros
pelos fluidos degráos que descem do Infinito,
sob o aureo fulgor do seu diadema de astros.

Quietas, como a scismar sobre os destinos seus,
as arvores estão suspensas, numa prece...
Silencio monacal... tão grande, que parece
no ether se ouvir pulsar o coração de Deus...

A terra no languor das femeas excitadas,
sente ainda no ventre obscuro das campinas
o contacto dos bois nas ultimas dentadas,
e adormece a sonhar bafejos de narinas...

.....

Tal alguém que desperta e, indeciso, a tremer,
os olhos mostra — o céu, curvado e immenso, pelas
alturas, abre no ar os olhos seus, de estrellas,
e, sob a noute, a terra, então, procura ver...

Nem mais um passo toca as areias tranquillias;
longe, as estradas são quaes rios congelados...
Agora, quando e quando, escutam-se as maxillas
dos bois, já nos curraes, ruminando, deitados.

Sôltos trápos de tréva — esvoaçam em redor
chiropteros que vêm para a suga, sedentos...
mas, alheios, fechando os olhos somnolentos
buscam os animaes outra vida melhor...

Dormem. Través o somno o chrômo da paisagem
surge... mas lôgo um mal de apparencias estranhas,
arranca-os ao prazer da illusão dessa imagem
dos verdes almargeaes e das verdes montanhas.

Vermelho incubo os toma, uma força os conduz
á sensação lethal de um holocausto horrendo:
sonham que vão morrer... sonham e, esmorecendo,
perdem todo vigor que a materia traduz...

De homem ou satanaz mão violenta os procura
golpeando-lhes o corpo: o sangue flue, escorre...
e ao carcere do somno, em morbida tristura,
uma idéa fatal, sómente lhes occorre...

E' a videncia da morte, o poder interior
da percepção do fim: e enquanto tudo dorme,
assim traduzo, a ouvir, sob o silencio enorme,
os mugidos dos bois, numa expressão de dôr.

O Homem

A Gonzaga Duque.

Essa trazendo alfim, — fórma que indo o acompanha,
Quando Elle appareceu no circulo da Vida,
Esquecido, afinal, do ponto de partida,
Teve por pae o Sol — e Mãe, a Terra estranha.

E, certa vez subindo á grimpá da montanha,
Olhou o Céu, o Mar, a Pedra adormecida...
E sentindo, pasmado, a idéa entristecida,
Achou-se com a visão que as coisas acompanha.

Então, ouvindo o Vento a remexer num ramo,
Ao Vento perguntou na curva do Universo:
— De onde surgi? — Quem sou? Dizei como me chamo?

E ante o silencio atroz não conteve a vertigem:
— Cahiu, rolou por fim na propria sombra immerso,
E a Duvida pairou na escuridão da Origem.

Mar

“Medium” que a alma do Cahos invoca a todo instante, o Mar transmite a dôr que um mal ignoto encerra: desespero e esperança — antithese constante — a supplica que carpe e a blasphemia que berra.

Liquido Prometheu, voluptuoso gigante que ora morde, ora afaga o amplo ventre da Terra; e, á noute, ao vir da Lua, embriagado e offegante, como um bohemio, cantando, ao léo, nas praias erra...

Nas origens da Vida é o symbolo de um mytho: a eternidade da agua; a força que se ostenta; o velho traductor do tédio do Infinito.

E, ante o silencio azul do céu que o escuta, em summa, rola, ronca, ribomba, arremette, arrebenta, a gemer e a chorar em lagrimas de espuma.

Noute

Fluidico carvão que alimenta a fornalha
da machina motriz do orbe eterno e creador.
De ti provém a Luz que nos deriva a Côr,
— geradora dos sóes que o ether encerra e espalha.

No teu seio de sombra a lagrima se coalha,
no teu silencio a magua extingue o soffredor...
E's o hospital do Somno em cuja paz a Dôr
sob longos lençoes de treva se agasalha.

Noute — carne do Cáhos — corpo da Immensidão.
Evolue no teu ventre a essencia humana e o lôdo,
vem o sabor da luz da tua escuridão.

— Mystica biblia negra aberta ao Bem e ao Mal,
— dynamico elemento animico do Tôdo,
— utero genetriz da vida universal.

Estrellas

Sempre que a esta hora encontro o espaço negro e erma
espalmo para a Altura as azas do meu Sonho,
e ascendo, o ether procuro, elevo-me transponho
o arco immenso do céu, trevoso e constellado.

Quaes fogueiras em meio a um campo abandonado,
Procion, Pollux, Castor, rutilam no ar tristonho;
e sob a cathedral da Noute os olhos ponho
na eterna gemma de ouro erguida, lado a lado.

E emquanto anda na treva um enigma profundo,
e a Terra, em gestação, é um vasto eremiterio,
eu busco traduzir, dos luzeiros, o mundo.

Estrellas... eis que, então, contemplando-as, medito:
— póros de luz por onde escorre o suor ethereo
das vibrações vitae do corpo do Infinito.

Céo

E' o porto ideal da Bemaventurança...
a enseada azul para onde, a navegar,
desfralda a humana cimba da Esperança
as velas verdes, sobre as ondas do ar.

E' a utopia de um sonho em que descança
a gloria de uma vida singular...
— Palêta para o Sol que espalha e lança
suas tintas de luz, para pintar.

O Céu, si acazo o vejo em congestões,
é a jaula do infinito, em cujos fundos
correm, rugindo, as feras dos trovões.

E' a grandeza que tudo nos traduz:
— etherea usina universal dos mundos,
— laboratorio chimico da Luz.

No hospital

Ao Dr. Sylvio Silva.

Na postura retida
de um mysterioso arranco
para transpor o espaço e penetrar os céos,
expor á magnitude intérrmina de Deus
a tortura do mal que esturra a flôr da Vida,
— anemicamente branco,
alto, spectral
tristonho,
nessa tristeza apathica de um sonho
de esperanças penitentes,
— urna de lagrimas — prisão de doentes,
paira o Hospital.

Abrem janellas lateraes, em fila,
lembrando os olhos da Agonia,
olhos cavos e tristes, sem pupilla,
onde a sombra da Dôr, curvando-se, de bruços,
arrepia o silencio em tremulos soluços,
emquanto ao longe sôa
a voz animadora e bôa
da Alegria.

Pelo jardim, á entrada,
atravéz dos varões da grade prateada
assomam plantas scismativas:
roseiras dolentes e passivas,
como exangues
mulheres tuberculosas,
balançam, com gestos langués,
a cabeça romantica das rosas...
E doídas com o pezar de alli terem nascido.
as rosas desse morbido ambiente,
gemem pelo perfume um mystico gemido,
silenciosamente...

Ah! meu Amôr, longe de ti e te sentindo
em mim,
preza
á saudade da tristeza
de me não teres, que vaes sentindo,
quanto me punge, quanto me faz mal
pensar em ti, a contemplar, assim,
as flôres soffredoras do jardim
do Hospital!

Nos torreões da capella, os sinos
pendidos
descançam, adormecidos
no somno leve e espiritual dos sons...
sonham o que hão dizer pelas almas dos Bons;
pois sempre os sinos
quando rezam, dobrando, em funeral,
gemem na voz do bronze os gemidos dolentes

daquelles que se vão indifferentes,
mãos sobre o peito, dedos enlaçados,
frios, emmudecidos,
seccos na sensação de todos os sentidos,
parados,
afinal.

Distante, sob a poeira luminosa
do sol que o espaço aloira e turva,
a cidade descança,
na languidez voluptuosa
de uma curva,
cantando hosannas á Esperança!

De momento a momento,
numa aerea espiral
traçada pelo Vento,
de fóra os multiplos rumores
vão chegando
e penetrando
os longos e auditivos corredores
desse museu do Mal.

Nessa hora, então,
em cada enfermaria,
chamados, por um sonho, os doentes vão
abrindo os olhos cheios de eupathia;
e de faces encovadas,
como estatuas de gesso, inacabadas,
absórtos, esquecidos,
num alvor de anemia e de tristeza,

haurem com o ouvido aquelles vagos ruidos,
aquella melodia
que os illude,
pensando ouvir, ao longe, as vozes da Saúde
glorificando a vida da Belleza.

Ao subjectivo aneio da Vontade
recordam trechos de uma antiga historia
que nunca mais, talvez, lhes poderá voltar;
e ao sabor da tristeza de lembrar,
os que se approximam da ultima partida,
que irão viver na morte a verdadeira vida,
em pouco, fatigados,
terminam por fechar os olhos mollentados
e se ficam a moer com o moinho da Memoria
a farinha mofenta da Saudade,
para a alma alimentar...

* * *

O' Deus que sois o Amor, a Bondade e a Concordia!
anesthesiae todas as dôres,
amenisae todos os males!
descei o vosso olhar aos soffredores
como um raio de sol á gramminea dos valles!
O' Deus que sois o Amôr, a Bondade e a Concordia!
cessae o sangue e o pús ás cicatrizes,
misericordia para os infelizes!
Misericordia!

A voz da natureza

Como dentro de um templo, ha sempre pela matta
um cicio, um cochicho, um murmuro segredo
que diz o insecto á folha e atravessa o arvoredos,
e, do arvoredos, desce ás grutas e á cascata;

que a agua, em linguagem fria e liquida, relata
ao musgo, e o musgo, após, vae passando ao rochedo...
e, assim, radie o sol, surja a manhã que, cêdo,
dentre a selva essa bulha em tudo se desata.

Em tudo esse rumor; de cada canto, em cada
lado, da planta e da ave, alegremente, inquietas,
ha uma fala saudando a luz da madrugada.

E' a voz dos seres, penso, a nós incomprehendida,
a voz da Natureza, as palavras secretas
da communicacão espiritual da Vida.

Incenso

Ha no incenso um poder ignoto e suggestivo,
— um halito de Deus, onde existe o perdão...
Sempre que o absorvo vejo um anjo pensativo,
de olhos postos no céu, com as mãos no coração.

Entre as luzes do templo e ao som vago e emotivo
do órgão, o seu perfume é o enlevo da oração;
adormenta-me como um suave lenitivo,
que traz todo o segredo azul da remissão.

Entrego-me á chimera ideal dos meus sentidos,
e, evocando, na paz, os meus sonhos perdidos,
fecho os olhos á luz para vel-os voltar...

E, enquanto, pelo espaço, erra o fumo suspenso,
eu sinto a vida azul, dentro do Azul do incenso:
num extases Minh'alma anda esquecida no ar.

Corvos

Sempre ao tombar o Sol, num rochedo nevoento
onde o Mar como um doudo aggride a pedra e estronda,
— visão negra e fatal de um mau presentimento,
vêm os corvos dormir, empós a diurna ronda.

Ao rouquenho rumor do estampido de uma onda,
deitam no abysmo o olhar, de momento a momento;
e, erguido, tal um braço, em meio á plaga hedionda,
rasga a sombra o pedrouço e aponta o firmamento.

D'Alva ao prenuncio, então, na agonia da Tréva,
azas espreguiçando, em satanico assomo,
grasnam, ganhando o espaço em largo vôo que os leva.

Vão, do vento ao rigor do invisível açoute,
negros, pelo ar sombrio, um após outro, como
reticencias finaes da tragedia da Noute.

Caes deserto

Quando tomba da Tréva o manto de velludo,
Apraz-me sempre olhar, de deshoras em diante,
De erguido e largo peito, ao bruto Mar sanhudo,
Dormido no silencio, o velho caes distante.

Quebra-lhe o petreo somno e a veneranda calma,
de quando em vez, sobre elle, a onda verde e estouraz ;
O alvo cocar da espuma esfria-lhe toda a alma,
E em continuo fragor detona o Mar sem paz.

Peixes talvez, por vel-o á beira d'agua preso,
Sintam, do equoreo fundo entre algas deslisando,
Em phantastico sonho, o extenso renque acceso
De seus bronzeos lampeões, extaticos, velando.

E ora, a prateada escama ao largo ancoradouro,
Como a lamina fina e clara de um punhal,
Apparece e rebrilha, entre os reflexos de ouro,
Da projectada luz, no limpido crystal.

Assim, peixes se vão, na reluzente esteira,
Nadando e abrindo á tona encyclias voluptuosas,
Emquanto cae de cima a luz do cáes, inteira,
Zigzagueando pela agua em serpes luminosas.

Como em redor de um craneo, a essa luz subjectiva
Da Idéa, muita vez, passam negras visões,
Negros, num vôo quebrado, á luz brilhante e activa,
Passam morcegos voando em torno dos lampeões.

E o cáes, travez a sombra enfumaçada e turva
Do ar, escuta gemer, num cantico de maguas,
A onda que berra e estronda em prolongada curva,
Todo o frio lamento intermino das aguas...

De cima, o Céu brilhando abertamente pelas
Escarpas do Infinito, é um gigante a sonhar...
E reflectidas n'agua, as rútilas estrellas
São medalhas de luz sobre o peito do Mar.

Dormem dentro da Noute um somno de baleias,
Mostrando o escuro casco e os mastros seus, erguidos,
Os navios, que têm na entranha das areias
Das ancoras de ferro os braços estendidos.

Ninguém. Não ha do Vento o barulhento açoute;
A liquida extensão lembra um grande lençol...
Barra afóra apunhala o coração da Noute
A esguia projecção de um longinquo pharol.

Ninguém. Guarda a cidade a paz que ha num deserto;
Só se ouve de hora em hora o passeio das rondas,
E o grande cáes espia... espia o rumo incerto
Do afogado que vem sobre o dorso das ondas.

Morta

Essa creança loura e pequenina,
que agora vejo no caixão deitada,
foi como a flôr que nasce purpurina,
e se desfaz, do vento na esfolhada.

Alma que, da minha alma irmã sagrada,
a Parca arrebatou na ancia ferina!
de olhos vagos abertos para o Nada,
que linda fronte entre jasmins se inclina!

Eu, que carrego o coração suspenso
numa violenta dôr que o pranto estanca,
em longo sonho, com tristeza, penso:

ganhando o espaço com divina calma,
levou sua alma uma saudade branca,
roxa saudade me deixando na alma.

Papoula

Túmida e rubicunda, a côr que a exalta grita,
em metallicos sons, como um clarim vibrando!
— Flôr que estimula, inspira, enthusiasma e indigita
a alma a ver numa lança um coração sangrando.

Delirios, convulsões, odios febris, desdita
de um grande amôr fatal, tudo recorda, e, quando,
ao sol-pôr, sobre o hastil, ella adormece afflicta,
creio-a numa explosão de lagrimas chorando.

Papoula — floreo cancro ardendo em rubras dôres!
chaga do terreo ciume aberta ás outras flôres!
sangue, coalhado em flôr, da hemoptyse dos Poentes!...

Nella a tragedia narra as concepções do Bello:
olho-a e fico a sonhar que as torturas de Othelo
rugem-lhe no esplendor das petalas rubentes.

Por amôr de uma estrella

I

Céu nublado. Por fóra, á serenada,
Coaxavam rãs no charco verde, abjecto;
Que aspecto horrendo, que mortal aspecto
O dessa Noute que nos foi passada!

Mau tempo, embora, a nossa estrella amada
Buscaste; — astro da Noute, predilecto,
Urna de luz que guarda o nosso affecto,
Contendo a nossa inspiração guardada.

E ella, distante, como que desperta
A' tua voz, as palpebras tranquillias
Abrio, de cima, vagamente incerta...

E, emquanto o olhar no Céu tinhas por vel-a,
Vi-te no fundo escuro das pupillas
A imagem de ouro da longinqua estrella.

II

Quando pela janella, essa cortina escura
Da Noute se desdobra, em seu negror, cahindo,
Longe, longe, bem longe a estrella, então, subindo,
Lembra uma conta azul na solidão d'Altura.

Sóbe, cresce-lhe o brilho, a luz se faz mais pura;
Busco-a. E, commigo, alguém, o meu sentir, sentindo,
Ergue os olhos por vel-a, ao Céu curvado e lindo,
Onde, dentro da Noute, ella no azul fulgura.

Por nosso amôr astral, a sós, então medito;
Mas, tão sósinho agora, em pleno isolamento,
Pelo meu Sonho a estrella é a dôr de uma agonia...

E' a lagrima de luz que rola no Infinito,
A lagrima do Sol que cae no Firmamento,
Na hora em que a Tarde fecha as palpebras do Dia.

III

Fecho os olhos de longe e penso em ti, Querida,
Hoje, qualquer rumor me acorda, me estremece;
— E's a ampulheta clara onde me corre a Vida,
Desde o romper do Dia até quando anoutece.

Mal a noute descerra a rosa indefinida
Dos mysterios, ness'hora em que tudo adormece,
Por meu amôr, por nosso amôr, por ti nascida,
— Flôr nocturna do Céu — a estrella me apparece.

Amo. Quem ama em tudo encontra o que tanto ama,
Em tudo vê de perto o que paira distante;
Assim, se busco a estrella, o teu olhar me inflamma...

Sonho. E dentro do incenso azul em que te vejo,
Dos labios teus me vem, na illusão desse instante,
A extrema-uncção do Amôr na hostia pura de um Beijo.

Outomno

O Outomno é um hospital. De cada canto, em cada ser, obervo um symptoma apathico, doentio, A Natureza soffre e varía, enfermada, pelas febres de luz apanhadas no Estio.

Na alma das cousas passa a atra visão do Nada; amputa-se o Desejo á segure do Frio... No enlevo da esperança extrema, ajoelhada, a vida orando aos céos evoca o sol sadio.

Numa tuberculose, as arvores, chorando, cospem na terra escura as amarellas fôlhas e, no silencio vão gemendo e cochilando...

E, como allivio ao mal que em seus pulmões actua, aquietam-se, a dormir, em morbidas encôlhas ao chloroformio ethereo e gélido da Lua.

Agonia das arvores

I

Velhas, torcidas, tysicsas ao frio,
As arvores desnudas ficarão,
e as suas folhas para o chão sombrio,
num acesso de tosse, tossirão.

As arvores desnudas ficarão,
e torturadas, em lethaes encôlhas,
num acesso de tosse, tossirão
a tosse secca do cahir das fôlhas.

E torturadas, em lethaes encôlhas,
tuberculosas, na hibernia atroz,
á tosse secca do cahir das fôlhas,
suffocarão as arvores a voz.

Tuberculosas, na hibernia atroz,
erguerão braços nús para o Infinito,
suffocará das arvores a voz.
o esterismo brutal do Vento afflicto...

Erguerão braços nús para o Infinito,
chicoteadas, assim, por vendaváes,
o esterismo brutal do Vento afflicto
hão de sentir, na solidão, sem paz.

Chicoteadas, assim, por vendavaes,
presas á terra. num soffrer profundo,
hão de sentir, na solidão, sem paz.
o mal da Vida que percorre o Mundo.

Presas á terra, num soffrer profundo,
ás chuvas de ether que provêm do luar,
o mal da Vida que percorre o Mundo,
dentro da Noute ellas irão sonhar

A's chuvas de ether que provêm do luar,
nocturnas chuvas... fluido luminoso...
dentro da Noute ellas irão sonhar
os aureos dias de um Verão ditoso.

Nocturnas chuvas... fluido luminoso...
chôro da Lua — lagrimas de luz:
branca saudade do Verão formoso,
— saudade etherea que se não traduz.

Chôro da Lua — lagrimas de luz:
rolarão sobre as arvores, maguadas,
— saudade etherea, que se não traduz,
das horas quentes no Verão passadas.

II

Tristes, em pallidez chlorotica, vencidas,
orando, braços no ar, n'alma contendo um grito,
as arvores lá estão, impassiveis, despidas,
numa supplica muda á curva do Infinito.

A paisagem da Tarde é nebulosa e fria;
captiva num sopôr a Natureza dorme;
desenrola a Saudade a tunica sombria
pelo concavo azul do Firmamento enorme.

Paira o Tédio a dormir nos desertos caminhos,
e presas numa hypnóse as cousas todas vejo;
na mudez sepulchral de abandonados ninhos
o phantasma do Amôr chora a illusão de um beijo.

E as arvores lá estão, paradas, na deveza,
quietas, numa friez de soffrimento interno,
na tristeza da tarde, immersas na tristeza
que óra vem de chegar com as lagrimas do Hinverno.

Na dormencia do Espaço um bando de aves, lentas,
tal uma fita solta, ondulando e fugindo,
atravessa movendo as azas somnolentas
e, no horizonte, vae, pouco a pouco, sumindo.

Pela encosta da serra a Noute se aproxima,
e o lume sideral, longe, entre névoas arde:
como um pingo de luz, suspenso, lá de cima,
Vesper pontúa de ouro a elegia da Tarde.

Na terra escura e humente, as folhas amarellas,
dormem o somno vão das illusões tombadas,
— folhas que um mez atraz mostraram-se tão bellas
no banquete de luz de tantas alvoradas.

Verdes, novas então, á luz de um sol febreuto,
cheias de vida e côr, no alvo crystal do dia,
farfalharam sorrindo aos osculos do Vento,
na communhão feliz da paz e da alegria.

Mas veio o Hinverno atroz e, o Hinverno, trouxe a Morte
na mortalha da geada... as pobres folhas, tortas,
ante o frio e lethal rigor do Vento-norte
acabaram, por fim, completamente mortas.

Tombou uma após outra e, as ultimas sentiram
a tortura de ver o tombo das primeiras...
e as arvores, então, aos poucos, se despiram,
no abandono final das folhas derradeiras.

Seccas, numa esguiez de tysicas creaturas,
na agonia fatal dos grandes desenganos,
ellas soffrem commosco as velhas amarguras
da eterna evolução dos dias e dos annos.

III

Homens! todo esse mal que as arvores attinge,
atinge-nos tambem: a dôr é a mesma dôr.
A tristeza lethal que a alma das cousas cinge
nesse momento agudo e desesperador,

apaga o olhar, extingue a voz, estanca o grito,
e, com a mudez dos ramos,
ficamos

voltados, em silencio, á curva do Infinito.

A luz do olhar maguado
vê da Scisma através, como aves fugitivas
no Occaso do Passado,
sumir-se, voando,

o bando
das crenças primitivas.

E o pensamento enfermo,
sob o peso do Tédio, em ultimo transporte,
contempla, então, pelo ermo,
o Sol de um sonho,
tristonho,

entre as névoas da Morte.

As nossas esperanças,
outr'ora novas como as folhas, vão cahindo...
e as viridentes franças
da arvore calma

d'Alma
acabam se despindo.

Todo Sêr soffre a magua immensa da saudade
dos dias que se vão e que não voltam mais!...

A febre de viver, vibrar, sentir, invade
a todos, mas, depois, os fins são sempre iguaes.

Vão-se da Mocidade os nervosos arrancos,
e, num agror interno,
o inverno,

E' a velhice que vem pelos cabellos brancos.

Ouvindo Léa Bach

Ouvindo Léa Bach
num recital de harpa.

Silencio... o espaço lembra um grande "aquarium" erguido
em cujo bojo, á luz, num reverbero louro,
um após outro, os sons, em tremulo gemido,
são para os olhos da alma invisos peixes de ouro.

Schubert, Chopin... e eu sinto o espirito esquecido
como um batel em meio a um largo ancoradouro;
no extasis musical que me domina o ouvido
guardo a illusão azul de um bemfazejo agouro.

Léa, alongando as mãos fidalgamente esguias,
faz a harpa estremecer aos dedos seus, vibrando:
andam por todo o ambiente estranhas harmonias...

E enquanto o aureo instrumento afaga, quando em qua
no corpo ethereo do ar ha sensações macias,
e em cada nota ha um beijo as suas mãos beijando!

Olhando o poente

Delirium tremens no ar... Do alto, da immensidade,
ante o primeiro altar da sombra suave e bôa,
sacerdote da Luz — o sol — benze e abençôa,
a nupcia espiritual do Tédio com a Saudade.

Destrança-se a Esperança á extrema claridade;
cala o som e, no occaso, a côr dilue-se e escôa...
Esquecido em si mesmo, anda o silencio, atôa,
na gelada emoção de uma extincta vontade.

Muda, contendo a dôr do Cáhos, a Noute, pelas
alturas, sobre o leito azul do céu arqueado
desperta a immensidão com o parto das estrellas...

Fluidifica-se a Vida... a alma, entre sonhos, erra,
e emquanto morre a luz, na paz, inanimado,
fica em catalepsia o coração da Terra.

A ultima cigarra

Da paysagem extatica, no fundo,
o Occaso, em chammas, arde,
suggerindo a visão
de um incendio a lavrar, na solidão
monastica da tarde.

Numa ascensão monotona de fumo,
do céu no concavo profundo,
rolam rolos nubivagos, sem rumo...

Um socego morno e largo
envolve tudo,
num descanso,
manso,
de lethargo.

Langue,
numa exhaustão de nervos e de sangue,
na metriopathia
em que a deixára o Sol,
através da penumbra a Terra espia

a luminosa orgia
do Arrebol.

A Natureza, em extases, parece,
que, dentro de uma prece,
o socorro de Deus neste momento exhorta,
e, nas azas da Fé, a sua alma se transporta,
buscando o rumo ideal de um bem desconhecido...

Trapo de (sombas desprendido
— um bando
de aves escuras,
passa voando
e arrepiando
o velludo
do silencio das alturas.

No valle, as arvores, paradas,
abandonadas,
pensativas, mysteriosas,
nas suas conjecturas de infelizes,
vão torcendo na terra os dedos das raizes,
como as mulheres timidas, nervosas...

A um surdo ruido
que, de repente, lhes toca o ouvido,
ellas, surpresas,
num gesto lento e lasso, de tristezas,
mollemente tremem...
gemem...
depois, aos poucos, socegando,
ficam absortas, escutando.

Um corpo esguio,
cinzento e leve,
como uma bala certa
descreve
um traço
no espaço...

Pouza a cigarra derradeira:
perambulante,
bucolica cantora
que, pelo Tempo, fôra
contractada
para cantar, durante
a temporada lyrica do Estio,
as operas da Luz.

E, enquanto a varzea quieta se traduz
num desmaio de sombras e de calma,
ella a su'alma
harmonioza e inspirada,
pela matta
desata.

Canta!
e em seu cantar ha tanta
melodia
que o ultimo raio tremulo do dia
nessa hora bruna, mystica e tranquilla,
alonga-se da altura para ouvil-a.
Canta...

traz na voz expressões originaes,
e, artista de azas, principia
a vibrar a aria azul da Ave-Maria
para a fina audição dos vegetaes.

Sobe uma escala,
tremúla,
modúla,
abemóla, afina
e, numa surdina
dolente,
languidamente,
cala.

Ao écho que se perde
como um lenço, a fugir, no adeus de uma saudade,
das arvores se eleva á immensidade
um suspiro longo e verde...

De novo o canto rompe, sôa...
Agora é hysterico, nervoso,
— um grito doloroso
que rebôa.
E neste ermo scismatico e tristonho,
indo e vindo,
zumbindo, zoando, zunindo,
corre, erra,
resôa na serra
a voz bizarra
chilreante,
estridulante,
da cigarra.

Oiço-a e, na suggestão pathetica de um sonho,
cuido sentir
uma corrente exotica e soante,
a subir
e a ondular
pelo ar...
Na quietude claustral
de uma fronde escura,
ella, afinal,
numa rizada de loucura,
a ultima nota despetála
e estanca, e estála
como um beijo frio
da lethal despedida
da vida
do Estio.

Da etherea curva,
então,
pulverizando a amplidão,
a Noute principia
a cahir, lenta e macia,
fina, frouxa, morna e turva,
como a cinza final dos escombros do Dia.

Serenata

O ether do luar a Terra adormeceu... A esta hora,
o silencio supplica as vozes de quem ama.
Vem a mim, meu Amôr! cada estrella te chama,
e aguardam tua sombra as sombras, cá por fóra.

A insomnia da paixão me hallucina e devora,
arde-me todo o sangue, o peito se me inflamma,
o calor do teu corpo o meu corpo reclama,
como reclama a Noute o almo fulgor da Aurora!

Oh! vem, não tardes mais! quero sentir-te nua,
conforme no ar, em meio ás tranças luminosas,
assoma o corpo branco e hysterico da Lua!

Dá-me o sensual prazer dos teus virgens desejos
e terás, ao perfume embriagador das rosas,
o inédito sabor da febre dos meus beijos!

Monotonia rythmal do Outomno

Nestes crepusculos de Outomno,
em tudo se traduz
um morbido abandono;
ha uma fraqueza espiritual na luz.
Do occaso — ambula astral —
escorre o oleo da melancholia;
guarda o espaço um socego funeral;
fecha o Angelus, rezando, as palpebras do Dia.

A Tarde, toda humilde e tremula, sósinha,
como uma velhinha,
segue, curvada, pelo ar calado,
emquanto, á sua frente,
por um cortejo de arreboes levado,
entra o Sol a necropole do poente.

O vento
é o abstracto lamento
que a hypocondria vesperal encerra.
Da immensidade
cae sobre a alma viuva e languida da Terra
o “zaimph” violaceo da saudade.

Desde que o Outomno veio,
fez-se crise de "spleen" pelo arrebol,
o céu tornou-se um largo lenço,
concavo, immenso,
humido sempre, sempre cheio
das lagrimas do Sol.

Os horizontes,
longe, nas suas linhas extensas,
são longas pontes
suspensas,
por onde vão, no adeus da eterna despedida,
de habito bruno, côr das paixões,
para o convento d'Outra Vida,
as freiras
derradeiras
da Ordem Secreta e Azul das Minhas Emoções.

* * *

Pelo saibro cinzento das estradas,
andam sem rumo pallidos desejos
— almas vencidas, apaixonadas,
seguindo os échos dos fanados beijos...
E, nas encruzilhadas
dos caminhos,
num gesto desolador,
braços verdes erguem ninhos
que são vasia saccolas
aguardando esmolas
para a resurreição do Amôr.

Toda a paisagem tem symptomas doloridos,
aspectos frios e dormentes;
até parece
feita para a alma exul de quem padece,
parece feita para ser olhada
com a dubia luz, a luz cançada
que anda nos olhos amortecidos
dos descrentes.

*
* *
* *

O' Tristeza que o espaço silencias
para fazer ouvir o teu soturno entono!
O' Tristeza que a idéa me acompanhas!
O' Tristeza mediumnica do Outomno
que, nestas horas sombrias,
invocas, pela amplidão,
a alma festiva e irial das tardes de Verão!...

Ha um silencio de scismas nas montanhas...

Onde os tipples, gorgeios e algazarras,
onde as rusticas fanfarras
do estridulo rumor do canto das cigarras?

Ha um somno somnambulico nas aguas...

Na alcova florestal, de calmas agoueiras,
num pausado andamento,
sôa o ruído rouco e lento
do resomno das cachoeiras.
Os rios não têm mais aquelle riso, em summa,
que lembrava um collar
a se desfiar
em perolas de espuma.
Os lagos e canaes são espelhos de magua.
Nos campos e pomares merencoreos,
não ha mais flôres — sonhos corporeos
da Primavera.
Nem mais uma illusão, um sonho, uma chimera!...

Ha esterismos ethereos, mudas ancias
na curva das distancias...

Onde as aves que se iam, céos em fóra,
azas movendo
e desaparecendo
nesta hora?
Nada mais existe:
o firmamento é triste,
já não veste o roupão que antes vestia pelas
alturas,
e que a Noute, estendendo as mãos escuras,
abotoava com rutilas estrellas...

A noute, a minha negra irmã,
chega, trazendo em suas symphonias
as dolentes melodias
de Schubert e Chopin.

*
* * *

O' flôr da Noute, mysteriosa,
narcotisante flôr trevosa,
ó noute tremula de Outomno,
que, lá de cima, triste me olhas,
e sobre a Terra desfolhas
as frias petalas de somno!...

Da natureza adormecida
a essencia fluidica da vida
sobe no escuro, vaga sem rumo,
no funebre transporte
de um fumo
que se evolasse da Morte.

Sobre os altares glaucos das alfombras,
as toalhas desenrolam-se das sombras.
Pelos campos, a luz brilhante dos lampyreos,
na escuridão,
parece uma procissão
que, de momento a momento,
aos assopros do vento
mal consegue reter os bruxoleantes cirios;
e as arvores — monasticas creaturas —
o rosario a desfiar das folhas mortas,

amarellas e tortas,
vão expandindo as intimas torturas,
e rezam, no silencio, erguendo as franças,
a secreta oração das suas esperanças.

*
* * *

Que tristes luas estas de Outomno,
luas enfermas,
brancas faluas
cheias de somno,
abandonadas em praias êrmas.
Lua — minguante
— seio exgottado de velha amante!
Lua — crescente
— cabeça triste de monja doente,
envelhecida precocemente!
O' Lua — nova
— visão celeste da minha cova!
O' Lua — cheia
— velha candeia
exgottando, no ar,
a' luz de azeite branco do luar!...

*
* * *

Plena desolação, hypnotico abandono...
No "pentacordium" dos meus sentidos,
tangem as horas os seus gemidos,

nesta tristeza rythmal do Outomno.
E fico-me a scismar,
escutando cahir das folhas mollentadas
como de palpebras cançadas
num somno falho,
as lagrimas do orvalho.
a pingar...

Plenilunio

Fria e nevoenta luz clareia o espaço mudo,
Paira o silencio abrindo as azas dormideiras.
O ar ambiente contém maciezas de velludo...
Lembra a terra um convento; as arvores são freiras,
rezando, na mudez magnetica desta hora.
Descerra o olhar a estrella, e, cada estrella, espera,
pelo estranho fulgor de uma nocturna aurora...
Ergue-se, pouco a pouco, a algida e branca esphera,
entra do arqueado céu na larga immensidade
— aeronave do Sonho em rumo da Saudade.

Rolam rendas de luar sobre a Noute dormente...
e, tal dentro de um templo as espiraes do incenso,
do lyrio, óra tornado em thuribulo albente,
sobe o perfume e paira, ondulando, suspenso...
O écho da voz de Deus desce atravez da Brisa
e, sob o pallio azul, por toda a Natureza,
em tremula surdina, entre as cousas, desliza...
O Oceano acorda e reza a oração da Tristeza;
a Lua sobe mais... cessa do Vento o açoute...
— morta rainha sobre a eça negra da Noute!

Da etherea Babylonia, erguido e curvo, no alto,
é todo o Firmamento um jardim luminoso...
Aureas constellações, ó gemma astral que exalto,
para a extases do olhar parado do meu Gôso!
Estrellas immortaes — embalsamadas flôres:
Sirius, Aldebaran, Arcturus, Venus linda!
os petalos abrindo em rutilos fulgores
— crysanthemos de luz da Primavera infinda!
e, entre todas, a Lua, então, que no ar fulgura
é a camelia glacial desse jardim da Altura!

De cada ser se eleva o olhar ao globo frio
que no alto resplandece; e as almas, extasiadas,
vão ouvindo, num vago e estranho murmurio,
a voz da luz falando em cousas ignoradas...
e, enquanto, em longo pasmo, os olhos são volvidos
á abstracta Biblia Azul escripta em letras de ouro,
da Noute a sombra vae absorvendo os ruidos
esquecida ao pallor do celico thesouro,
— frio, nocturno sol de gelatineo rastro
— alma, talvez, de Deus, transformada num astro!

Bizarra sensação vibra em toda minh'alma!
Lua — espelho da Magua — opala immensa e bella!
— bussola da Illusão — chronometro da Calma!
— aguia morta na paz da transparente umbella!
Do ether na fria chuva o luar meu corpo banha
e tropego, absôrto, entre arrepios ando...
Olho tudo em redor sob brancura estranha
numa allucinaçãq phantastica, pairando...
tonto de luz arranco
hystericas visões de um pesadello branco!

Ha uma festa no céo... um baile estranho... os anjos
passam por entre incenso e nuvens vaporosas,
tangendõ, em aerea ronda, harpas, lyras e banjos
coroados de jasmins, de lyrios e de rosas...
E a musica macia e etherea ondula e desce
pelas pautas do luar na celica amplitude...
e mais a paz nocturna em toda a Terra cresce,
minha audição de poeta, em sonhos, mais se illude...
e em meio do silencio em que ha tanta harmonia.
o luar é a serenata eterna da poesia.

Plenilunio! Entre neve erra agora meu Sonho
na apotheose da Luz, erguida no Infinito!
O' vertigem do Branco! ó phantasma tristonho
do primitivo Dia! ó Mãe de todo o Afflicto!
ó idéa da Tristeza! ó fluidica cascata
que vem molhar á noute a epiderme da Terra!
mysterioso lamento em lagrimas de prata.
Lua — morta illusão que a urna do céo encerra!
Pharol do meu inferno!
Arca cheia de luz nesse diluvio eterno!

Dorme dentro da Tréva o espirito da Vida!
inda o beijo solar no rochedo perdura;
inda paira o queimor na floresta dormida;
Sobe um vapor do Mar contido na agua escura...
é o derradeiro gráo da febre intensa e rubra
que o ser fecunda, inflamma, enrobustece, anima;
pois, de longe, afinal, sem que a Noute descubra,
o Alchimista do Espaço os olhos deita em cima
da Lua... e a Lua, então, mais se illumina e eleva;
lente em em que o Sol observa a gestação da Tréva.

Entre scismas recordo o tempo primitivo;
cultos, adorações, velha crença dos povos...
fé, que estimula o Sonho e faz o homem captivo,
abrindo a rosa ideal dos pensamentos novos!
Vejo através desse astro a procissão dos annos,
levando o antigo andor das concepções antigas,
escuto a tradição dos seculos profanos
sinto a magia, o kratú, evocações, cantigas,
bruxas, fadas de luz... tudo é resuscitado...
— marmore do sepulchro onde jaz o Passado!

Noctambula do Ideal! — minh'alma se transporta
ao Sahara onde paira essa esphinge sublime!
Lua — dôr em silencio! ó dôr calada e morta!
— memoria para o Amôr — remorso para o Crime.
Horas que as tenha eu sempre e, assim, possa perdê-las,
noctivago, movendo á serenada o passo,
emquanto brilha, em cima, o cravo das estrellas
que prende o toldo azul do Colyseu do Espaço!
Luar — tunica de luz que o Firmamento veste!
Lua — medalha astral no seio azul-celeste!

Canção de inverno

Nestas, de inverno, noutes tão frias,
quasi não pulsa teu coração...
De mim distante como estarias ?
— toda de gelo tu ficarias
qual uma estatua, na solidão.

Corre, assovia, atravessa 'o Vento,
retorce o arbusto, remexe a rama...
até pareça que um pensamento
elle nos traga de quem nos ama.

Teus finos dedos, inteiriçados,
são dez agulhas de alvo marfim;
frios e brancos, dedos gelados
que o azul carinho dos teus cuidados
tanto teceram por sobre mim!

Da noute escura no largo espaço,
que linda brilha longinqua estrella!
aperta os olhos, faze o que faço,
aperta os olhos si queres vel-a.

Sob essa cassa do teu vestido
(não te enrubeças ao meu dizer...)
teus seios frios, num só tremido,
são duas rôlas, sob o tecido,
que em vão procuram adormecer.

Jesus, que frio! mas, na Inglaterra,
dizem que o frio tem fino gume,
pois, sempre, o filho daquella terra,
chegando o inverno, procura o lume.

Teu roseo beijo como se some!
Alba, teu beijo não tem sabôr...
O feio inverno tudo consome...
Job eu me chamo, mudei de nome,
guardo a esmola do teu amôr...

Comtudo, agora, somos felizes;
que importa o frio, si estamos juntos?
penso, á delicia do que me dizes,
nos que, sosinhos, ficam defuntos.

Como a serpente foste nervosa,
tinhas o fogo na luz do olhar,
mas, hoje, apenas assim medrosa,
tens da serpente mais preguiçosa
a pelle fria, de arrepiar...

Morrer distante do amado peito,
é morte dupla, ninguem resiste...
morrer sósinho num frio leito
morrer sósinho... que morte triste!

.....

A confidencia que me revelas
de tua bocca rolando cae...
e todas, todas são amarellas
tuas palavras — iguaes áquellas
folhas que o vento levando vae.

Alguem, lá fóra, geme, á nortada...
de ir em soccorro tenho vontade:
mas, si tu ficas abandonada,
como fazer essa caridade?...

Qual uma branca, sedosa bola,
lua tão linda vae a subir!...
e no ar gelado se desenrola
todo um tecido que nos consola,
e uma caricia nos faz sentir...

O luar nos molha... fecha a janella...
que humencia, que ether na luz da lua!...
fez-se mais clara, fez-se mais bella,
de luar lavada, a deserta rua.

Na larga colcha da nossa cama,
de grandes flôres de gyrasol,
a luz da lua, que se derrama
em fina, fria, fluidica trama,
põe sobre a colcha branco lençol.

Ao vir da lua, mais frio, agora,
vejo que sentes... eu tambem sinto...
Porque não dizes, aqui, nesta hora,
que me consentes... — “Oh! si consinto...”

.....

Nestas, de inverno, noutes tão frias,
quasi não pulsa teu coração...
De mim distante como estarias?
toda de gelo tu ficarias,
qual uma estatua, na solidão...

Ballada da Morte

Erguendo o magro vulto, aguço o olhar sombrio
pelo tunnel da Noute, escrutando o trevor...
Espalho em todo o ambiente um forte calefrio,
o passaro emmudece e despetála a flôr.
Sigo, través a sombra, espalhando o terror;
esta que trago sempre — a segure maldita,
no meu pulso de ferro, invisível, se agita,
e, distendendo no ar a descarnada mão,
aponto, como allivio á Humanidade afflicta,
o caminho fatal da decomposição.

Jornadeio pelo ermo exposta ao sol e ao frio,
dos temporaes estou no tremendo estridor;
atravesso a montanha, o valle, o oceano, o rio,
e tudo se arrepia em febre de pavor...
Tenho na minha bocca a farça de um ridor;
passando pelo enfermo a minha sombra o excita...
e, alheia á turba, emfim, que se contorce e grita,
faço a suprema paz da eterna solidão
mostrando pela face, amarella e exquisita,
o caminho fatal da decomposição.

Das bacchanaes do Vicio eu salvo sempre o Brio
fazendo-o beber meu toxico licor...
do Odio, Inveja e Vingança — o satanico trio,
mitigo a sêde vil e adormeço o furor...
Occulto em meu silencio um somno emballador,
liberto desse inferno o ser que nelle habita,
gêlo dentro de um craneo o mal que o infelicita
e arranco a Vida em meio á festa da Illusão...
Eis-me: sou eu a Morte — o archanjo que só fita
o caminho fatal da decomposição.

OFFERENDA

Porque me odeias tanto? a paz sempre é bem dita.
Si é grande teu soffrer no amor que em ti palpita,
busca calmar em mim o afflicto coração...
Eu contigo entrarei, pela Noute infinita,
o caminho fatal da decomposição.

Ballada do inforcado

De uma arvore a um galho, pendurado,
No extremo de uma corda, em meio do ar,
Vê-se um polichinello inanimado
Que o vento mollemente faz dançar...
Bate-lhe em cheio a lactea luz do luar;
A sombra cae, projecta-se fugindo,
E como se estivesse, em pé, dormindo,
Somnambulo num somno emballador,
Paira o Enforcado, tetrico, surgindo:
O phantasma da Morte e do Pavor.

Um cavalleiro vem e, descuidado,
Proximo delle vae atravessar...
Mas, subito, o cavallo de espantado,
Ergue as orelhas e dilata o olhar;
Não pode a espora resolver-o a andar...
Eis que o viandante apeado, então, seguindo,
Sente que o extranho fetido vem vindo,
E pára inflado de mortal terror:
Além divisa sob um luar tão lindo,
O phantasma da Morte e do Pavor.

Passam vampiros de um e de outro lado,
Voando-lhe em derredor, de par em par...
Vela num tronco um mocho empoleirado,
Perfurando o silencio a piar, a piar...
Dorme em profunda paz todo o logar ;
E os animaes noctivagos, sumindo,
Vão pela sombra, tremulos, ouvindo,
A ironia do canto agourador...
E deixa a Noute que se vae diluindo,
O phantasma da Morte e do Pavor.

OFFERENDA

Minha Esperança, ó meu Desejo infindo!
Beija-me a bocca, emquanto eu vou sentindo,
Desse teu corpo o ephemero sabôr!...
— Corpo que me será um dia, ruindo,
O phantasma da Morte e do Pavor.

Sugestões da Lua - cheia

Quem ha que em noite assim não ame a magua e góse
o sabôr de ser triste, á luz da Lua-Cheia?
O Mar, insomne, a Terra abraça e oscula, anceia,
e a Terra sonha ao luar que o Sol desponte e a espóse...

Ha uma videncia em tudo, ha por tudo uma hypnóse;
incognita ternura a alma nos toma e enleia;
e, ás sugestões da luz, que lyrica nevróse
de se crer na paixão dessa em quem se não creia!

Mystica sensação de amôr nos arreбата...
O anjo da Saudade, em silencio, chorando,
nos véos da Noite enxuga as lagrimas de prata...

E, emquanto a Vida a uma outra vida se transporta,
a Lua é um coração desilludido, errando,
na chrystalisação de uma volupia morta!

Sombra

Sentinella espectral da forma que carrego,
desde que me comprehendo, observo-a, verifico-a:
antes de eu ser, talvez, meu espirito cégo
assim pairasse, a errar, numa acção improficua.

E posto á insomnia, quando a escuridão renégo,
submetto-a, no silencio, a analyse perspicua,
e ante o seu vulto negro, esquecido, me entrego
a esta lucubração boa que seja ou inicua:

Sombra — vida em silencio! em ti se desillude
toda a vaidade humana — igualitaria interna
da vida, sob a paz da terra e do ataude...

Tu commigo estarás no meu ultimo archejo,
e em ti me sentirei, ó minha amante eterna!
na communhão lethal de um derradeiro beijo.

Ultima sensação

Teu beijo,
tremulamente,
tal uma gotta luzidia e quente,
anesthesiou-me toda a alegria,
pontuando a estrophe do meu Desejo.

E alheio a tudo,
alheio á propria Vida — todo inteiro,
num extasis de amor, parado e mudo,
fiquei-me com a illusão de uma volupia louca,
hypnotizado com teu gesto derradeiro,
saboreando o sabor da tua bocca...

Pela camara, então, calma e vazia,
cerrando os olhos, eu consigo,
dentro do espaço em que te vi commigo,
haurir, ainda, longamente,
teu perfume de malva, excentrico e macio,
esse perfume que se emana
do teu corpo febril, lyrial e esguio,
quando, em meus braços, ondulante,

em colleios sensuaes, numa aplesia insana,
tu me dás a impressão electrizante,
a sensação esthetica e apparente
de uma serpente
humana.

E tanto,
tanto ainda eu te sinto
que, de longe, embora,
nessa hora
(por suggestões, talvez, do meu instincto),
teu perfume me vem, enquanto
na illusão dessa volupia louca,
equilibro ao calor do meu Desejo
a gotta luzidia e quente desse beijo
que me deixaste ardendo
e tremendo
na bocca...

Ha no silencio que me rodeia
o mudo aspecto de quem ama e aneia...

Minha lembrança
ficou cheia de ti...
todo esse teu contacto que senti,
minha alma de sentil-o não se cança:
teu corpo fino,
serpentino,
flexuoso
e nervoso,
foi lentamente,

se estirando,
se espreguiçando,
até que langue, indolente,
numa espira se torcendo,
abandonou-se, adormecendo,
na saudade do meu goso...

E extactico, absorto, esquecido de tudo,
neste silencio em que ha maciezas
de velludo
e secretas impurezas
de uma volupia exasperante, louca,
saboreio o sabor da tua bocca,
sentindo
o teu perfume que me vem subindo
com a mesma forma do teu corpo esguio,
sinuoso,
nervoso,
macio
emoliente,
de serpente...

Nesta loucura calma,
tendo a tua alma
espreguiçada dentro da minha alma,
eu vivo, ó meu Amor, preso á illusão
da sensação
do ultimo beijo,
que o teu Desejo
deixou ficar no meu Desejo.

Obcessão

Não existe, entre nós, sentimento de amôr.

Deu-me a Sorte
a tua vida, para a minha morte.

Por ti, apenas, sinto o tentador
sabôr
da polpa virginal
de um fructo novo, appetecido,
nascido
para nutrir o Mal.

Por te querer busco esquecer-te
e, então, mais perto te vejo...
assim procuro querer-te,
pois quando mais te não vejo
e na ausencia me sepulto,
surge-me logo o teu vulto
aos olhos do meu Desejo.

Quanto mais eu te não vejo
mais a saudade me aumenta,
e, te sonhando á distancia,
cansada de te sonhar,
minha alma tomba e, sedenta,
morde a saudade, numa ancia
de te beijar...

Tal um microbio, no meu sangue,
andas dentro de mim a todos os momentos,
ora violenta, ora languê,
nos movimentos do meu sangue.
E nesta obsessão, neste tormento
lento
em que me vou morrendo,
tu vaes, alheia, vivendo,
como o Pensamento
dos meus pensamentos,
o supremo Sentido
dos meus Sentidos,
a gloria dos meus sonhos dissolvidos,
a doentia
alegria
da minha hyperesthesia!...

Tenho-te assim
dentro de mim,
tenho-te em tudo,
sinto-te em tudo,
em tudo te vejo
como o unico desejo
do meu Desejo.

Do meu corpo sempre em torno,
eu trago numa espira esse perfume morno
que o teu corpo trescala...
acompanham-me teus gestos,
oiço, em silencio, a tua fala
e a voz do teu olhar;
teus ophidicos anceios,
teus impetos de ciume, teus protestos,
o rumor dos teus passos,
a macieza de paina dos teus seios,
tudo... em tudo estás na minha Sensação,
a tua sombra é o manto de velludo
da minha recordação!

Que não exista entre nós dous amôr:
não me amas
porém és minha e me reclamas
para te dares ao meu sabôr...
eu te não amo
mas te pertenço e, assim, te louvo,
assim te quero e te reclamo
sem que possa resistir,
a este morbido prazer
em que me forço a te esquecer
para melhor te sentir,
para melhor sentir-te a polpa virginal
de fructo novo,
nascido para o Mal.

Agonia da saudade

Num estreito caixão feito de pinho
A Morte encerrará meu grande ideal;
Na curva extrema do fatal caminho
Descançarei a velha cruz do Mal.

A Morte encerrará meu grande ideal
Da terra escura na sombria furna;
Descançarei a velha cruz do Mal
Na pausa eterna da soidão nocturna.

Da terra escura na sombria furna
Os Sete-Palmos deverei descer;
Na pausa eterna da soidão nocturna.
Não mais teus olhos poderão me ver.

Os Sete-Palmos deverei descer
Da terrea escada tenebrosa e fria;
Não mais teus olhos poderão me ver
Na paz da Morte intermina e sombria.

Da terrea escada tenebrosa e fria
Rolarão os degrãos meus lentos ais;
Na paz da Morte intermina e sombria
Serei feliz porque não soffro mais.

Rolarão os degrãos meus lentos ais
E a saudade da minha despedida...
Serei feliz porque não soffro mais
Nas gehenas do Inferno desta Vida.

E a saudade da minha despedida
Será o canto-chão da minha Dôr;
Nas gehenas do Inferno desta Vida,
Deixarei a illusão do meu Amôr.

Será o canto-chão da minha Dôr
O funeral desse ultimo momento;
Deixarei a illusão do meu Amôr
Como um phantasma no teu pensamento.

O funeral desse ultimo momento
Será ouvido na Hora-Extrema emfim;
Como um phantasma no teu pensamento
A minha sombra deixar-te-hei assim.

Será ouvido na Hora-Extrema emfim
O tédio negro que a minh'alma invade;
A minha sombra deixar-te-hei assim
Na agonia da ultima Saudade.

Por estes dias:

FITAS...

- de -

Benjamim Costallat

FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A
Benjamim Costallat & Miccolis
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO

Comprem :

A Medicina para Todos

Nicoláo Cianção

1924

Registrada 10\$000

FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A

Benjamim Costallat & Miccolis

AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO

18.000

Brevemente aparecerá

A cidade
dos Loucos

- por -

Francisco Galvão



FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A
Benjamim Costallat & Miccolis
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO

Leiam :

*Quinze dias
nas prisões
do Estado*

Que causou a prisão do seu auctor
o Tenente Macedo Soares

FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A
Benjamim Costallat & Miccolis
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO

Por esses dias:

O primeiro livro em prosa

- de -

GILKA MACHADO

Homens e

Mulheres

FAÇAM SEUS PEDIDOS DESDE JA' A

Benjamim Costallat & Miccolis

AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO

Estab. Graphico J. MICCOLIS — Lavradio, 49.